

UMA NORMA DE VIDA

4ª Edição

Norma Trespach



© by Norma Trespach

Direitos autorais reservados ao Autor

Editoração eletrônica e Capa: Willian Castro

Arquivo digitado e corrigido pela autora, com revisão final da mesma, autorizando a impressão da obra

Editor: Rossyr Berny

Contato com o autor: ntrespach@terra.com.br

Para conhecer mais autores da Alcance acesse:

www.editoraalcance.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Trespach, Norma.

Uma norma de vida / Norma Trespach

– Porto Alegre : Alcance, 2019.

128p.

1. Atitude (Psicologia).
2. Atitude - Mudança.
3. Mudança de vida - Acontecimentos I. Título.

CDD-158.1

09-02203

ISBN: 978-85-9537-037-1

ALCANCE[®]
34 anos de Alcance
Prêmio Jabuti

 (51) 98535 3970



Rua Bororó, 5 - Bairro Assunção - Porto Alegre/RS - 91900-540



(51) 98537 0000



(51) 99103.3566



(51) 98233 7038



(51) 99669 0908



rossyr@editoraalcance.com.br



www.editoraalcance.com.br



[/EditAlcance](https://www.facebook.com/EditAlcance)

Agradecimentos

Ao meu pai, pela base de vida que me deu, principalmente por ter me ensinado a nadar.

À minha mãe, que sempre está presente na minha vida e reza por mim.

Ao meu médico e amigo, Dr. José Valdaí de Souza, que me recuperou fisicamente e continua me apoiando nos meus momentos difíceis.

Às amigas que me incentivaram a escrever este livro.

Aos meus familiares que são meu pequeno e grande mundo de aprendizado.

Aos meus sobrinhos, que dividem comigo suas dúvidas e me fazem ser, muitas vezes, sua mãe, companheira, amiga e criança novamente.

Em especial, a Deus Pai Maior, pela graça de ter me dado uma segunda chance para completar minha jornada.

Prefácio da primeira edição

Ao trilhar as páginas deste livro o leitor encontrará uma estrada sinuosa, com muitas esquinas a serem contornadas. Porém a autora sinalizou, de forma muito simples e clara, como é uma trajetória de vida, levando o viajante a parar em cada curva e a fazer uma reflexão de qual caminho deve seguir, escolhendo por sua própria vontade o seu destino. Este trabalho não reflete todas as estradas, mas incita a todos a pensar um pouco sobre qual seria o seu objetivo de vida. Cada um deve interpretar em seu mapa, qual a direção a ser seguida; a quem deve pedir informações e apoio; quanto vale o amor e a orientação dos pais, qual a contribuição da família, para que servem os amigos e como pessoas desconhecidas podem ajudar a iluminar a trilha.

Nessas poucas páginas, encontram-se descrições de fatos que ensinam muito mais do que grandes enciclopédias, pois a narrativa focaliza os pontos fundamentais que o ser humano precisa conhecer e que são: acreditar em si próprio, ser humilde, ter fé e confiar que, adicionando a ciência, todos os obstáculos podem ser vencidos. Para a saúde a autora traçou os pontos mais

importantes, onde cita a importância de se fazer a prevenção das doenças, acreditar e somar sua força interior ao trabalho dos terapeutas.

Cabe a nós agradecer a possibilidade de prefaciar esse livro e certificar, como uma das testemunhas dos fatos, que esta narrativa é verídica e deverá servir para muitas pessoas, mesmo envolvidas em nebulosas e agressivas patologias; que é possível vencer; voltar à vida e contemplar o amanhecer com um sol radiante, um novo dia.

Dr. José Valdaí de Souza

Prefácio da terceira edição

Editar e fazer publicar um livro de **Norma Trespach** é uma honra e um prazer. Contudo, é justamente por ser uma tarefa prazerosa que ela se torna difícil: é impossível ler Norma Trespach apenas com o espírito crítico que deve ter um revisor ou um editor, pois o texto é tão envolvente que a transferência de leitura profissional para leitura de lazer, aquela leitura gostosa que transforma o revisor ou o editor em leitor comum, interessado, atraído, absolutamente envolvido pelo texto escoreito da autora.

A maneira que ela escolheu para formatar este “**Uma Norma de Vida**” foi uma excelente idéia, pois conseguiu criar um texto que, já por ser biográfico, obrigatoriamente seria intimista, foi transformado numa sequência de crônicas muitíssimo bem “amarradas” entre si. Desnadam a realidade de uma vida e despertam o interesse de qualquer leitor.

Dessa maneira, Norma Trespach montou um livro que é, em sua essência, uma lição de vida em que a “teoria” é apenas mencionada e não imposta. O leitor toma conhecimento de sua filosofia, de seu pensamento, sem nem mesmo perceber que lhe

estão sendo incutidos no subconsciente conceitos, princípios e regras de conduta. A formidável propriedade dos muitos exemplos que a autora oferece ilustram maravilhosamente o texto, enriquecendo-o e fazendo com que o leitor – decididamente – não tenha a menor vontade de interromper a viagem em que embarcou a ler o primeiro parágrafo de “Uma Norma de Vida”.

É esta a principal característica do escritor de sucesso: fazer com que o leitor se identifique com o texto, transportando-o para as suas páginas como se ele, de fato, estivesse numa viagem fantástica. Uma viagem pelo seu próprio interior.

Como se não bastassem as virtudes técnicas desta obra de Norma Trespach, é uma riquíssima coletânea de exemplos a serem seguidos, especialmente pelas novas gerações. A autora deixa bem claro a importância que deve ser dada ao respeito pelos pais, o amor entre os membros da família, incluindo-se nesse amor os “agregados” – as esposas dos irmãos e os maridos das irmãs, com os consequentes “brotos”.

Norma Trespach valoriza a sensibilidade. Não se cansa de fazer elegias ao amor e deixa bem claro que esse amor não pode ser apenas platônico, mas também tem de ser sensual, o que ela diz com nitidez, porém seguindo à risca a teoria de nosso grande mestre, Eça de Queiroz: “O manto diáfano da fantasia cobrindo a nudez crua da realidade”.

Com isso não quero dizer que no texto de Norma Trespach haja qualquer confusão entre realidade e fantasia, mas sim que, onde a realidade obriga a quadros e cenas “duras”, a autora soube

como estender um véu tênue e translúcido, tão bonito que foi capaz de “disfarçar” os pedaços mais ásperos de sua vida, trazendo-os para os leitores com a delicadeza de sua alma poética.

Norma Trespach é uma estrela luzindo e cintilando no atual firmamento literário do Brasil. E, para nossa sorte e felicidade, é uma estrela nova, que há de brilhar por muitos e muitos anos. Séculos, talvez, já que a imortalidade de uma boa obra, de um grande autor é incontestável.

Ryoki Inoue

Introdução

Antes de encarnarmos nesse mundo, traçamos nossas metas. Cada um de nós vem com uma bagagem de conhecimento para poder cumpri-las. As dificuldades que surgem servem para nos proporcionar o aprimoramento espiritual.

Sabemos que cada um tem, em sua bagagem, aquilo que deve ser aprendido e superado. Podemos passar a vida inteira sem nos proporcionar essas mudanças.

Ou transformar tudo com uma simples atitude.

Durante a caminhada, vamos nos defrontando com nossas dificuldades. Porém, nunca estamos sozinhos e nossos amigos, que ficaram torcendo por nós quando reencarnamos, sempre nos ajudam quando chamados. Agora, quem está sempre presente e nunca nos falta quando chamamos, é o nosso Pai Maior, Deus.

Comecei este livro, na realidade, muito antes de pensar que um dia haveria de escrevê-lo. Após ter feito o memorial de

meu pai e relendo o que escrevera, constatei que, durante minha caminhada, tive a oportunidade de encontrar várias pessoas que sabiam apenas reclamar da vida e das dificuldades, mas nada faziam para mudá-las; não tinham uma meta a atingir e seus fracassos eram creditados aos outros.

Observe um lírio. Sua flor é branca, mesmo nascendo e crescendo no lodo. Do local onde nasce, aproveita apenas os nutrientes para viver, mas não incorpora em sua flor, objetivo da vida, o cheiro e a cor do local onde vive. Podemos e devemos fazer o mesmo com nossa vida.

Foi o que fiz.

Nessa minha caminhada, defrontei-me com situações e pessoas de difícil convivência, mas elas me davam o necessário para seguir em frente. Faziam com que eu usasse o que a vida já havia me ensinado até aquele momento. Procurava sentir o que poderia agregar ao meu conhecimento para que eu conseguisse entender que, naquele momento, era exatamente o que precisava para crescer e sobreviver. Sempre evoluindo espiritualmente.

Tinha uma meta a cumprir e todas as barreiras não a mudaram. Na realidade, delas extraí a força para continuar em frente. Mais uma vez, sempre evoluindo do ponto de vista espiritual.

Prometera a meu pai que haveria de ajudá-lo a ser respeitado e não deixaria mais ninguém menosprezá-lo por ter menor poder aquisitivo.

Mesmo o próprio câncer não me fez desistir. Eu o desenvolvi e, com a ajuda de um ótimo profissional, com o apoio de minha família e também com minha fé, consegui vencê-lo.

Espero que você, meu leitor, possa aproveitar um pouco deste meu ***Uma Norma de Vida***, aplicando em seu dia a dia, pelo menos alguns dos pensamentos e ideias que aqui transcrevo. Acredito que, assim, consiga melhorar sua qualidade de vida.

Principalmente a qualidade de vida espiritual.

Índice

Colheita	19
Aprender a ser só	39
Como descobri que tinha câncer?	43
Sensibilidade e equilíbrio	47
A busca pela segurança	51
Amor de mãe	55
A responsabilidade da promessa	59
O encontro de si mesma	67
Redescobindo a sensibilidade para amar . . .	73
Somatização	83
Alcoolismo	91
Renascer	95
Mão amiga	101
A vida manda recado	105
Posse	111
Usando o que aprendemos	115
Meu pai. Despedida	119

Colheita

Tempo de plantar, tempo de colher. Sentimos medo, incerteza em relação ao amanhã – mas ele nada mais é do que resultado do hoje. Quando plantam, os agricultores que pretendem ter boa colheita preparam bem a terra antes de lançar a semente. Ela germinará e dará bons frutos quando o lavrador cultivá-la com amor, dedicação e atenção. A lavoura deve ser regada no período de estiagem, adubada na época certa e constantemente observada para evitar que as pragas tomem conta da plantação. Se forem observados todos estes cuidados, certamente ele conseguirá uma boa colheita, com excelentes frutos.

Com a nossa vida acontece a mesma coisa. Se só trabalharmos pelo dinheiro e não reservarmos tempo para o lazer e para cuidar do Espírito, provavelmente acreditaremos que, em determinada fase da vida, teremos atingido a felicidade através da estabilidade financeira – embora já estejamos sofrendo de males como gastrite, insônia, etc. Como se não bastasse, é exatamente neste ponto que começa outra batalha: manter o que conseguimos em matéria de dinheiro. Distanciamos-nos da família por falta de tempo para que, alienados, acabamos acreditando serem futilidades. Por que nos preocupamos em dar atenção se já estamos dando tudo que pedem e que o dinheiro pode comprar? Além disso, estamos sempre próximos, pelo menos fisicamente... Lazer por lazer? Não, a não ser que represente alguma possibilidade de estabelecer contatos que possam resultar em bons negócios. Não sentimos prazer, tudo tem um preço. Deixamos de desenvolver o sentimento de prazer próprio, aquele que diz o que gostamos e nos dá tranquilidade interior.

A vida é uma estrada que deve ser percorrida com atenção e vivenciada a cada passo dado. Se nos concentrarmos em olhar fixamente para um só ponto, bem adiante, como uma meta preestabelecida a atingir – ter sucesso financeiro, por exemplo – deixamos de ver tudo o que acontece ao nosso redor, e coisas que deveriam ser saborosas ao longo da estrada, não o serão. O processo de florescimento e frutificação da árvore passa-nos despercebido e, quando vemos suas folhas caírem, ficamos preocupados – quase sempre com remorsos – Por não termos observado seu crescimento e vigor.

Esquecemos que é, realmente, tempo de descansar. Amanhã recomeçará outro ciclo. As folhas nascerão outra vez, haverá uma nova florada que dará novos frutos. Alguns serão comidos pelos pássaros, que se encarregarão de levar as sementes para outros lugares, fazendo com que se multipliquem. Outros cairão e suas sementes germinarão ali mesmo, perto da árvore-mãe. Os frutos restantes irão se decompor, misturando-se com as folhas velhas e já apodrecidas; e integrarão o adubo que dará forças para a continuação da vida.

Beija-flores e borboletas, com seus cantos e suas cores, são encarregados pela Natureza de disseminarem o pólen das flores, possibilitando, assim, sua fecundação e reprodução. E, de quebra, estarão sempre brindando nossos olhos com sua beleza.

É evidente que, no percurso da estrada da vida, surgirão pedras. Pedras de todos os tamanhos e que representam os obstáculos que teremos de vencer. Temos de prestar atenção a todas elas. Mesmo as pequenas e aparentemente inofensivas. Se pisarmos

desajeitadamente sobre uma destas, poderemos escorregar e cair ou, no mínimo, machucar o pé. Da mesma maneira, chutá-las podem nos ferir. Ou estragar o sapato... Porém, se aprendermos a lidar com essas pequenas pedras, desenvolveremos habilidades que nos proporcionarão maior facilidade para ultrapassar as médias e as grandes, seja contornando-as ou escalando-as.

Deixamos de ver as árvores frondosas com sombras convidativas no verão e servindo de abrigo para as chuvas no inverno, com raízes firmes e fortes, dando sustentação à terra que as acolhe. Não notamos a poeira se impondo e fazendo com que projetamos nossos olhos, alertando-nos para termos cuidado quando é tempo de parar e aguardar. E também dando-nos a certeza que, depois que ela baixar, estaremos prontos para ver o que restou. Não percebemos a chuva servindo de alimento para as plantas, matando a sede dos animais, revigorando os rios, lavando as energias carregadas do Universo e diluindo a poeira das estradas.

Não, nada disso eu vi. Usava guarda-chuva para a chuva. O sol tostou minha face. Não vi a paineira de galhos frondosos e convidativos que se ofereciam para me abrigar. Os pássaros? Ouvi apenas seus pios: não tive tempo para prestar atenção em seu canto. Este não era meu objetivo. Meu objetivo era vencer, vencer e vencer: provar para meu pai que eu podia e que cumpriria minha promessa de criança de dez anos de idade: “Nunca mais alguém vai fazer o senhor se sentir inferior, nem pisarem no senhor”.

Levei muito tempo para entender que havia assumido a responsabilidade de toda a minha família.

Foi após ter desenvolvido um câncer que comecei a entender que havia algo de errado na maneira pela qual eu vinha conduzindo minha vida. Minha primeira reação foi gritar e culpar todo mundo pelo meu problema. Ainda é difícil para eu conseguir despertar ou desenvolver a chama do prazer. Tenho vontade de sentir o sabor de viver.

Hoje estou sentada aqui na praia, à beira deste mar tão lindo, praia quase deserta. Venta bastante, mas não me importo: o vento ajuda a varrer as energias densas que estão no ar. Fico pensando em quanta coisa deixei passar por mim sem ao menos ter sentido a presença.

Caminhando pela praia, encontrei muitas conchas, dos mais variados tamanhos. Estou aprendendo a olhar as pequenas coisas e a perceber o que cada um oferece.

Talvez não tenha plantado as coisas nas épocas certas nem cuidado como deveria, pois hoje estou tentando identificar os frutos e o que cada um deles me proporcionou. Pode ser que tenham trazido elementos errados, mas pode também ter sido eu que não parei para receber das plantas que cultivei os frutos que elas produziram. Não esperei, não parei para sentir se seriam doces, ácidos, se me dariam prazer. Não sei, não parei. Percebi que no meu caminho existiam árvores, pássaros, borboletas e pedras, mas para mim estes elementos faziam parte de uma paisagem tão bonita e tão distante como a de um cartão postal. Eu não conseguia me sentir integrante daquele local.

Hoje me pergunto: que frutos colherei? É como se tivesse andado muito, corrido uma maratona, e agora estivesse sentada, recebendo pedras de todos os lados, sem entender.

Será que não me preparei para isso? Ou será que sempre houve pedras e eu, constantemente atarefada em seguir em frente, não prestava atenção no momento em que elas me atingiam? Talvez tenha sido, porque tenho marcas em todo o meu corpo, principalmente no coração. Perdi minha parte feminina, ou melhor, meus órgãos reprodutores. Por quê? Talvez para não me reproduzir: Será que isto me atrapalharia na corrida até o ponto prefixado por mim?

Nasci numa pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul. Sou a segunda filha numa família de nove irmãos. Quando criança, meu mundo estava resumido a estudar na escola municipal, com pouco mais de trinta alunos, e ajudar minha mãe nas lidas domésticas que meus dez anos permitiam. Éramos pobres e nosso sustento vinha da roça. Também colaborava como podia na lavoura. Às vezes montava no cavalo que puxava o arado para que meu pai pudesse lavrar a terra. A roupa era lavada no rio, tarefa que fiz muitas vezes. Enchia um balaio de vime, feito por meu pai, com as roupas sujas e ia até o rio, lavá-la. Eu gostava de ver a espuma ser carregada pela água e os lambaris chegarem perto para comer os restos de sabão. Ao torcer as roupas para tirar o excesso de água, muitas vezes eu pisava numa ponta e ia torcendo com as mãos, principalmente quando eram grandes. Ajudava, também, a limpar a casa, fazer comida e tudo mais que minha pouca idade permitia. Gostava de pescar com minha avó, que era também minha madrinha. Íamos perto da noite, levávamos um lanche e ela

gostava de tomar uma bebida feita de cachaça, canela e açúcar, conhecida como *consertada*. Dizia que era para os mosquitos não picarem. Ficávamos sentadas, conversando baixinho para não espantar os peixes. Sinto até hoje cheiro de mato e lodo. Lembro perfeitamente da sensação gostosa que sentia quando lá estávamos nós duas sozinhas, sentadas na beira do rio, esperando que os peixes beliscassem a isca. Quase sempre tínhamos a sorte de pegá-los, embora muito mais ela do que eu.

Lembro que a noite era escura, mas às vezes uma parte da lua surgia entre as nuvens e refletia sua luz argêntea no movimento das pequenas ondas formadas pela brisa do vento nas águas do rio. Era uma imagem deslumbrante e inesquecível: o cheiro, a aragem refrescante, o som dos grilos e das corujas, a luz dos vaga-lumes.

Parecia um mundo de sonho: só nós duas naquele pequeno universo. Eu tinha muita afinidade com minha avó e madrinha; sentia-me segura e protegida ao seu lado. Esses momentos foram os mais inesquecíveis para mim, passados com ela.

Vivia feliz e despreocupada, até o dia em que ouvi o comentário de alguém ligado à nossa família, dizendo que eu e minhas duas outras irmãs não poderíamos comparecer a um culto em outra igreja, porque não tínhamos roupas novas e era Natal. Não ficaria bem para a filha dessa pessoa aparecer junto conosco. Não entendia que empecilho poderiam representar nossas roupas, pois éramos tão amigas, brincávamos juntas, morávamos perto e ficávamos até tarde conversando. A partir desse dia isso começou a me incomodar e me deixou triste. Aquela proibição ficou gravada no meu inconsciente e me incomodava. Comecei

a pensar em algo que eu poderia fazer para mudar a situação. Éramos pobres, mas nunca faltara o essencial para viver. Tudo era dividido igualmente para os filhos, quer fosse alimento, roupa ou os deveres a serem cumpridos e o amor de nossos pais. Nos dias de culto, o pai costumava comprar picolé para cada um de nós, ou um refrigerante, que era dividido entre todos. Quando atingíamos a idade escolar, éramos matriculados na escola e ganhávamos um guarda-pó, uniforme da época. Assim que retornávamos da aula, era obrigação fazer a lição e cumprir as tarefas de casa antes de irmos brincar. Se não cumpríssemos alguma destas obrigações, a mãe nos olhava e era certo que o negligente levaria uma surra.

Nada conhecia do mundo, além dos sete quilômetros que eu já percorria até um lugarejo onde, aos domingos, íamos aos cultos. Sabia que existia uma cidade grande – a capital – porque tinha várias tias que moravam e trabalhavam lá e contavam, quando nos visitavam, como a cidade era grande e tudo o que ela oferecia. Não tínhamos televisão, apenas um rádio à bateria em que ouvíamos às vezes o noticiário e algumas músicas, principalmente a dupla *Tonico e Tinoco*.

Como eu poderia ajudar meus pais?

Um dia, aos dez anos, sentada no parapeito da janela da sala, perto do rádio, disse ao meu pai: “Nunca mais alguém vai pisar na nossa família. Chega de o senhor ser considerado menos do que os outros porque somos mais pobres. Eu vou estudar para ser professora e vou ajudar todos”.

Na época, a única profissão que eu conhecia era a de professora. Achava que elas ganhavam bastante e eram muito respeitadas por todos. Meu pai olhou-me, muito assustado, sem entender nada. Disse que a vida lá fora era muito perigosa, que as mulheres tinham de ter cuidado para não “perder a vergonha” e passar a ganhar dinheiro de maneira suja. Eu disse que jamais iria envergonhá-lo: ia estudar, trabalhar bastante e ia venceria.

Hoje tento imaginar de onde surgiu aquela ideia. A situação financeira de minha família nunca me parecera ruim, até o dia em que fui proibida de ir ao culto por não ter roupas novas. Era como se uma porta tivesse sido fechada para mim.

Ao constatar que havia mulheres que trabalhavam, ganhavam dinheiro e eram muito consideradas por todos – como minha professora, por exemplo – decidi que eu seguiria este caminho.

Depois de lançada a idéia, eu não voltei atrás. Mas o que eu deveria fazer para começar a caminhada?

Pertencíamos à Igreja Evangélica de Confissão Luterana, no Brasil. Nossa família sempre foi muito religiosa. Mantínhamos um bom relacionamento com os Pastores. Era de praxe a família de meu pai hospedá-los em sua casa, pois eles vinham de longe, muitas vezes a cavalo. Era difícil retornarem no mesmo dia. Isso acontecia há várias gerações.

O lugarejo onde eu morava só tinha escola até o Primeiro Grau. Coincidentemente, na cidade onde ficava a Casa Pastoral tinha escola com o curso necessário para preparação ao exame

de Admissão, exigido na época, para ingresso na Escola Normal Rural. Cursando-a por quatro anos, conseguiria o diploma de Professora Normal Rural, capacitando-me a lecionar para alunos da primeira série.

Num domingo de culto, meu pai falou com o Pastor Ernesto sobre meu desejo de estudar para o Magistério e sobre a sua dificuldade financeira em custear as despesas. Para isso, uma vez que eu teria de sair para outro lugar, explicando que ali não tinha escola para eu me preparar. O Pastor escutou-o e perguntou se esse era o desejo dele, também. Meu pai respondeu que faria sempre o melhor que pudesse para os filhos e se esse era meu objetivo para ter uma vida melhor sem precisar trabalhar na roça e ter um futuro mais promissor, ele tentaria ajudar. O Pastor me olhou e disse que pensaria numa solução.

No culto seguinte ele falou com meu pai, dizendo que tinha conversado com sua esposa e ela concordara que eu fosse morar com eles por um ano, período em que eu estudaria e me prepararia para o exame de Admissão. Fiquei muito feliz com a solução. Meu sonho começava a se tornar realidade. Porém, à medida em que o tempo ia se passando e aproximava-se o dia de sair de casa para estudar, comecei a sentir medo. Abriria uma porta que eu não tinha a menor idéia de como seria. Nada conhecia do Pastor, além dos cultos. Ele era muito sério, de origem alemã. Mas eu não voltaria atrás. Não podia, tudo já estava combinado e eu não ia fazer feio, depois de meu pai ter acertado tudo com o Pastor. Inclusive minha estadia seria paga com produtos que ele precisasse e que nós colhíamos na roça; e eu ajudaria em todos os serviços da casa.

Lembro da noite anterior à minha partida. Dormi muito mal, desejando que a noite nunca acabasse. A mãe, naquele dia, tinha colocado minhas poucas roupas numa mala cinza, antiga.

De manhã, muito cedo, a mãe me chamou. Levantei, arrumei-me e, antes de sair, fui até o berço onde dormia um dos meus irmãos. Comecei a embalá-lo; ele ainda dormia; fui saindo do quarto e o berço continuou a balançar.

Minha mãe recomendou que eu obedecesse à dona Joana, esposa do Pastor, e fizesse tudo o que ela mandasse, fosse caprichosa, porque eles estavam fazendo um favor para nós e que não os envergonhasse, sendo displicente com minhas coisas.

Jamais esquecerei de minha saída de casa: meu pai ia à frente, levando minha pequena mala na mão e, nas costas, um saco com mantimentos, parte do trato feito com o Pastor. Caminhamos por uma trilha que nos levaria até o rio. Tínhamos de atravessá-lo de caíque (pequena embarcação a remo) para chegarmos à estrada onde o ônibus passaria. Lembro que ainda não estava muito claro e tinha de cuidar para não sujar meus sapatos, porque havia orvalho na grama e mato à beira da trilha que, misturado com a terra onde pisava, formaria barro neles. Não poderia chegar ou viajar até a casa deles com os sapatos sujos. Não via o rosto do meu pai, apenas aquela figura forte que ia à minha frente. Chegando ao rio, ele colocou a mala e o saco de mantimentos dentro do caíque e ajudou-me a entrar. Sentou-se, pegou o remo e começamos a travessia.

Recordo-me que a lua refletia no rio que parecia imenso. Só se ouvia o barulho da taquara, que servia de remo, ao tocar na água. Viam-se as pequenas ondas que se formavam quando o caíque prosseguia. Eu estava paralisada, como se estivesse em transe; simplesmente me deixava levar. Sentia o sacolejar do caíque e olhava aquele rio pensando que, ao terminar de atravessá-lo, estaria separada de minha família e iria seguir sozinha. Naquele momento estava sendo determinada a minha vida futura. Cheguei a essa conclusão após anos de terapia.

A imagem que guardo na memória é a de nós dois sobre o rio. Não lembro da viagem. Recordo que, quando chegamos ao nosso destino, o pai falou e acertou tudo com eles; colocou minha mala no chão, entregou-lhes os mantimentos e foi embora. Senti-me pequena, abandonada e sozinha.

Meus primeiros dias foram horríveis. A língua falada por eles, na maior parte do tempo, era a alemã. Eram muito exigentes e rígidos em tudo. Horários deveriam ser cumpridos rigorosamente, quer na alimentação, banho, tarefas, nada podia ser consumido, quer fosse um fruto ou guloseima fora da hora das refeições.

Eu tinha minhas tarefas caseiras que eram cumpridas após a aula: varrer, tirar pó e nos dias determinados, passar cera e a enceradeira que, na realidade, era um escovão manual; ajudava, também, no preparo das refeições.

Dona Joana, esposa do Pastor, dava aulas e ensino confirmatório; participava das reuniões das senhoras na igreja; era muito dinâmica e sabia fazer comidas maravilhosas, com frutas e verduras.

Eu sentia muita falta da família, de brincar com meus irmãos e irmãs; almoçar naquela mesa simples, mas com todos juntos, servidos pela mãe. Tinha saudade de ir à casa da minha avó e madrinha, que morava ao nosso lado e onde sempre tinha algo gostoso para comer; brincar de jogar bola na chuva, mesmo que pudesse levar uma surra por isso, mas aquilo me dava sensação de liberdade e irresponsabilidade momentânea.

O casal tinha um filho que não gostava de mim, porque eu fazia rapidamente as coisas que eles me mandavam, enquanto ele era preguiçoso. O rapaz estragava tudo o que eu fazia para eles brigarem comigo.

Aprendi muito morando com eles. Demorei mês e meio para vê minha família, após minha saída de casa. Foram dias tristes e doloridos, mas era o preço que eu tinha de pagar por meu sonho. Sou muito grata àquela família. Fizeram-me crescer, ter hora para todas as coisas e acreditar que tudo é possível. Naquele ano, consegui entender e falar muitas palavras em alemão. Aprendi um pouco a tocar órgão, exigência da dona Joana que não media esforços para me ensinar, ainda que apenas o básico. No casamento de minha irmã mais velha eu toquei e foi emocionante.

Fiz o exame de Admissão e passei, o que me levou a ir para mais longe de casa.

Meu tio, hoje falecido, era muito meu amigo. Fomos criados brincando juntos. Ele morava na cidade onde eu iria estudar. Estava casado e com duas lindas filhas. Ofereceu-me um lugar para ficar em sua casa, quase nas mesmas condições de onde tinha saído.

Fiquei um ano com eles. Depois fui morar numa peça no centro de Osório, com mais três meninas. O local era quase inabitável. O vento passava pelas frestas e ao lado havia outra peça, separada apenas por tábuas e que era alugada para qualquer pessoa, principalmente caminhoneiros; e isso nos dava medo e procurávamos nunca dormir sozinhas.

Mas eu precisava de um lugar para dormir e, naquele momento, era o que eu podia pagar. Tinha de ir atrás do meu sonho, não podia mais voltar para casa. Meus pais já tinham gastado comigo e eu sabia que não tinha mais volta.

Muitas vezes meu pai ia à noite, véspera de eu retomar para estudar, após um final de semana passado com eles, até a casa de meu tio, que tinha melhor poder aquisitivo do que nós e pedia dinheiro emprestado para eu poder pagar a passagem. Nem sempre meu pai tinha o dinheiro na hora ou alguma sobra, mas depois conseguia, vendendo produtos da lavoura.

As refeições passaram a ser feitas na escola, graças a uma concessão especial da Diretoria do Instituto da Educação Rural Ildefonso Simões Lopes, que deu essa permissão graças a um pedido da minha mãe, explicando a situação em que vivíamos, dizendo que era impossível pagar minha alimentação em outro local. Uma das exigências, em contrapartida, era que eu deveria ajudar no que fosse preciso: recolher e lavar a louça das refeições, limpar o refeitório, ajudar na cozinha, preparar os alimentos – como escolher o feijão, o arroz, descascar batatas e cebolas e, logo após, cortá-las. Havia outras meninas nas mesmas condições que eu e, assim, formávamos um grupo e nos revezávamos nas tarefas.

O café da manhã era até às 8 horas da manhã. O almoço começava às 11h30min e, o jantar, às 17h30min. Nos finais de semana tínhamos de ajudar a servir e depois lavar a louça. O colégio tinha internato masculino, então tinha muita gente para fazer as refeições. A última refeição acontecia às 17h30min. Após esse horário, somente no outro dia de manhã eu iria comer outra vez.

Dinheiro para comprar alguma coisa nesse intervalo, eu não tinha. Quando a fome era muita, nós juntávamos laranjas caídas no chão, derrubadas pelo vento e as comíamos. Eles não deixavam apanhá-las, éramos fiscalizadas. Às vezes eu trazia uma lata com bolachas, feitas pela minha mãe quando ia para casa, mas infelizmente, quando as filhas da dona do local descobriam, comiam quando eu estava na escola.

Eu só tinha um uniforme. Quando o molhava, ou as meias não secavam, eu dormia em cima para secá-las. Nem sempre estavam secas no dia seguinte, mas eu as colocava mesmo assim. Infelizmente meu sapato, que era de plástico, rachou na sola, o que ajudava a molhar as meias, embora eu colocasse meu pé dentro de um saco plástico, antes de calçar os sapatos.

A filha da dona da casa casou e convidou-me para ir morar com ela e eu aceitei.

Nada mudou, apenas tinha um quarto dentro da casa para dormir, mas era um quarto muito frio, talvez tenha sido quando mais passei frio na vida. Dormia e acordava com frio. Ela tinha vários cobertores que ficavam grudados dentro do guarda-roupa

no quarto em que eu dormia. Nunca me oferecia, nem eu pedia, por vergonha, embora às vezes comentasse sobre o frio. O lugar ficava longe e muitas vezes me molhei com a chuva, porque nem sombrinha eu tinha e continuava usando a técnica de secar a roupa dormindo em cima. Como podia se ar se calor não servia nem para me aquecer?

No verão trabalhei num hotel-restaurante, em Tramandaí, que era da prima do meu pai. Ajudava na cozinha, descascando e cortando legumes, lavava louça e também arrumava os quartos. Não havia banheiro nos dormitórios e então eram usados urinóis, que eu precisava levar para baixo (os quartos ficavam na parte de cima), despejá-los e lavá-los. Depois que todos almoçavam, eu tinha de limpar e lavar o salão do restaurante, o que demorava até aproximadamente às 17 horas. Via meus colegas de escola passarem a caminho da praia e eu não podia ir. Não tinha folga. Precisava trabalhar para ganhar um pouco de dinheiro e ajudar meus pais a me manterem estudando.

Formei-me, mas não fui à formatura. Não tinha dinheiro para comprar roupas. E na noite da formatura eu estava trabalhando. Depois que terminei meu serviço, chorei muito. Realizei meu sonho, mas não pude festejar.

Infelizmente cancelaram, no ano anterior, os contratos de trabalho para quem se formasse naquela escola. O governo chegou à conclusão que o ensino dado não era suficiente para tornar-me uma professora.

E agora? O que fazer? Não podia e não iria desistir.

Meu tio-padrinho convenceu-me a tentar a sorte em Porto Alegre e eu fui. Felizmente logo consegui um emprego, mas continuei a me sentir a intrusa na casa dos outros, morando um pouco com cada um de minhas tias. O salário era pouco e eu não podia pagar minha estadia com dinheiro, só com minha mão-de-obra. Mais tarde meu salário melhorou e eu, então, pude pagar um pequeno aluguel para minha tia onde eu estava morando.

Um dia, cheguei à seguinte conclusão: se eu pagava por tudo, por que não lutar por um lugar onde não me olhassem como me estivessem fazendo um favor? Agradeço a elas porque se não fosse a sua ajuda eu não sei como teria feito. Mas precisava dar rumo na minha vida. A experiência que a vida tinha me dado ajudar-me-ia a seguir adiante. Então saí mais uma vez para outra etapa de minha vida. Estava por mim, sozinha em minha luta.

Fui morar num apartamento com outras meninas, dividindo o aluguel. Mais tarde, consegui adquirir um pequeno apartamento, financiado pelo BNH, através da Cooperativa em que eu trabalhava. Para ajudar no orçamento, consegui mais um emprego, como bilheteira no Grêmio, nos dias de jogos. Além disso tudo, ainda datilografava envelopes para um advogado que mandava propaganda dos livros que escrevia sobre Direito Trabalhista, para todo o Brasil. Ganhava por unidade e, com isso, fazia cursinhos à noite. Troquei, mais tarde, aquele apartamento por outro maior, também financiado pelo BNH, que tenho até hoje. Mais um sonho realizado, minha própria casa. Depois consegui um telefone e mais tarde, um carro.

Porém, nunca me esquecia do motivo que me levou ir à luta. Sempre estava atenta às necessidades de minha família e se precisassem de alguma coisa, eu tentava e conseguia alcançar. Muitas vezes minha mãe me escrevia contando as dificuldades, tanto financeiras como de relacionamento com algum filho. Eu as resolvia. Assumia coisas que não me cabiam fazer, mas eu tinha prometido que ninguém iria envergonhá-los. Procurava ajeitar a situação, sempre dava um jeito de conseguir. Trabalhava e estudava sempre. Procurava melhorar de vida para poder supri-los em suas necessidades.

Na realidade, eles aceitavam a situação em que viviam, mas incomodava-me com a indolência do meu pai em não reagir quando humilhado e sempre sendo homem bom – aceitando tudo sem reclamar ou fazer alguma coisa para mudar a situação. Tudo era creditado à vontade de Deus e eu, embora inconscientemente, pois era ainda uma criança, achava que as coisas não podiam ficar assim. Não pedi que mudassem, mas fui à luta e disse *basta!* Não sabia que, naquele dia, eu havia redirecionado minha vida. Vivi em função daquela promessa: “Nunca mais ninguém vai pisar no senhor, vou estudar, ser professora e ajudar para ninguém mais rir de nós ou ter vergonha de sair conosco porque não temos roupas boas” e, com isto, esquecendo-me ou não pensando no que seria bom ou importante para mim. Meu pai disse: “Nunca faça nada que possa nos envergonhar”. Talvez o que eu quisesse ouvir fosse: “Não precisa se preocupar, fique conosco que, todos juntos, vamos mudar esta situação”. Não apenas disse para não envergonhá-los, não importando como eu iria fazer para vencer, pois nada sabia do mundo lá fora, uma vez que meu conhecimento estava limitado a

um raio não superior a sete quilômetros ao redor de nossa casa. Para ele a situação que vivia não incomodava e sua maneira de sentir era diferente da minha.

Fui vencendo as barreiras, escondendo os meus medos, fazendo de conta que tudo estava bem, desde que conseguisse ajudá-los. Vivi sempre numa corda esticada, caminhando tesa, sem desviar do caminho da integridade moral. Estava sozinha onde quer que fosse, mas era como se toda a minha família, principalmente meus pais, estivessem observando para ver o que eu estava fazendo, se não era imoral, na visão deles.

Agora que todos cresceram, seguiram suas vidas, e meu pai faleceu, não sei do que eu gosto. Quando faço algo para mim parece que, quando realizo, não tem sabor. É como se eu vivesse num grande mundo, fazendo parte dele, mas descobrisse que isto não era verdade, era uma grande ilusão.

Eu transitava por esse mundo, atenta a resolver todos os problemas que estas pessoas estavam enfrentando ou iriam enfrentar, sempre correndo e olhando para todos os lados, tentando não deixar “as laranjas” caírem (como os mágicos fazem). E quando eu me recolhia, ficava pensando no que eu poderia fazer para ter maiores condições financeiras e, assim, supri-los em suas necessidades. Eu era apenas uma mantenedora.

Não tinha momento algum em que eu pensasse só em mim. Sempre pensava: o que eles vão pensar ou dizer? Vão gostar? Vão aprovar? Como poderia encontrar ou me dedicar a alguém para caminhar comigo se eu vivia correndo e não me enxergava como

ser humano, com suas necessidades e prazeres? E o que para mim era prazer poderia ser imoral para eles. Sabem o que aconteceu? Puni-me pelos momentos de prazer que tive, criando um câncer.

Mas a vida é sábia e eu, apesar disso, tive grandes amores. Apaixonei-me, amei, chorei quando esses amores terminaram, mas foram lindos, reais e intensos – enquanto duraram. Momentos inesquecíveis que me faziam sentir viva quando a solidão batia à minha porta, exatamente como acontece com qualquer um.

Aprender a ser só

Dizem que fomos feitos para viver aos pares, como casais, nunca sozinhos. É a lei do Universo.

Infelizmente ainda não criaram uma maneira de armazenar calor humano, amor, amizade e fraternidade para que possamos adquirir ou tomá-los em substituição ao toque, aconchego, som da voz, cheiro, companheirismo e a energia que o outro ser humano nos transmite, até mesmo pelo sorriso. Somos seres humanos que ainda precisam compartilhar com outros nossas dúvidas, nossos medos; vitórias ou derrotas. Precisamos de cúmplices em nossa jornada aqui na Terra.

Acredito que seja por isso que muitos casais não se suportam, vivem uma relação já desgastada, continuam juntos, porque existe alguém que, mesmo por obrigação, pelo compromisso assumido, terá de ouvi-lo e estará ao seu lado, presente ao menos fisicamente.

Cada ser humano é único. Muitas vezes dizemos que encontramos nossa alma gêmea porque formamos um casal perfeito, mas se formos verificar, na realidade um se anula em benefício do outro, mesmo que seja em coisas bem simples. Pode acontecer, também, de ambos estarem no mesmo grau de evolução, equilíbrio e terem vindo juntos para ajudar um grupo a se harmonizar.

Vimos a este mundo de desafios para aprender. Muitas vezes precisamos estar sozinhos para adquirir o aprendizado.

Ainda não conseguimos assimilar que estamos aqui de passagem, que estamos numa escola e que logo retornaremos ao nosso lar através do desenlace. No colégio, o que nos é mais difícil de aprender, não é o que mais nos irrita e nos toma mais tempo? Com nossa vida é a mesma coisa.

Se preciso parar de depender dos outros, se necessito ter minhas próprias ideias, aprender a ter autoestima sem o abono de terceiros, parte da minha vida, provavelmente, terei de viver só, mas não necessariamente sozinha. Nossos companheiros de viagem sempre estarão ao nosso lado, ou nos olhando – esperando a chance de nos ajudar. Sejam esses companheiros encarnados, que cruzam nosso caminho, sejam desencarnados e que nos antecederam nesta Dimensão.

Mas estamos tão preocupados com nosso próprio umbigo, sentindo tanta pena de nós mesmos, que não aprendemos a valorizar o sorriso de um estranho, um bom-dia de um amigo e pensamos: Bom dia porque estou sozinha?

Por acaso nascemos colados em alguém? Nascemos sozinhos, únicos, mas desde o início várias pessoas nos auxiliaram: médico ou parteira que nos ajudaram a nascer; a enfermeira ou a parteira que nos deu o primeiro banho, a mãe que deu o aconchego o seio para nos alimentar.

Agora que estamos crescidos, com bons empregos, um lar para morar, família que nos respeita e nos apóia, com saúde, paradoxalmente sentimo-nos sós.

Pense que em cada curso que vamos fazer, sentimos um pouco de insegurança porque é algo diferente, mas à medida que vamos entendendo, aprendendo o que as aulas se propõem a ensinar, vamos ficando mais seguros.

Por que não aplicamos isto em nossa vida pessoal – que deveria interessar mais do que a profissional? Nossa vida profissional é apenas parte de nossa existência, o resto do tempo deveríamos aprender a crescer, conviver, viver e envelhecer.

De que temos medo quando estamos sós? Já parou para pensar sobre isso? Solidão? Falta alguém ao seu lado? Milhares de pessoas estão ao seu lado, mas isto não lhe basta, você quer alguém que seja só seu! Porém, quando o tem, você vai se sentir preso porque a solidão é sua. Você não consegue resolver o quebra-cabeça que formou com seu espírito, apesar das diversas vidas já vividas e continua aumentando o número de peças, sem encaixar nenhuma. Você não forma uma figura do seu próprio eu. Passa a vida em busca de alguém que o complete, mas como encontrar se suas peças, seus pedaços, estão soltos, sem formato?

Podemos ter nosso companheiro de caminhada, mas somos únicos e cada sentimento é pessoal. Ser feliz depende do amor que temos primeiramente por nós mesmos, porque não podemos amar se não nos amamos.

Amar alguém na esperança de nos completar, sem ter conosco nossa parte de amor próprio, é deixar nossa felicidade nas mãos de outros. Ame-se primeiro e deixe que a vida se encarregue do resto.

Como descobri que tinha câncer?

Estava apaixonada. Certo dia estávamos conversando e ele disse que seria lindo se tivéssemos um filho (ele já era divorciado e tinha quatro) porque seria uma mistura de nós dois e que, juntos, certamente faríamos uma bela criança. Brincamos e conversamos muito a este respeito.

Eu argumentava que já não era tão jovem para ter o primeiro filho; estava com 41 anos de idade. Ele dizia que a medicina atual possui muitos recursos. Como ele era psicoterapeuta e professor universitário, tinha bons argumentos (hoje agradeço a ele minha vida). Eu o amava muito.

Na realidade foi a primeira vez que pensei em ter um filho. No final chegamos à conclusão que faríamos todos os exames e só então decidiríamos.

Comecei pelo conhecido “papanicolau”, embora fora de época, pois fazia anualmente e só fazia seis meses desde o último exame.

Minha surpresa foi aterrorizante quando a médica mandou me chamar no consultório e me disse que tinha surgido um grave problema. Ela era a médica com quem me consultava havia vários anos . Mostrou-me o resultado do exame e disse-me que tinha acusado câncer, um dos mais violentos. Eu olhei para ela como se não estivesse entendendo o que ela estava falando, afinal, sempre me consultara com ela. Nunca me disse que corria risco, falava apenas que havia uma feridinha, nada para me preocupar. Como eu confiava

nela, acreditava. Culpa minha deixar minha vida na mão de um profissional sem questionar e procurar outra opinião.

Perguntei o que iria acontecer dali para frente e quanto tempo me restava. Ela, friamente, disse que pelo estágio que estava a doença, talvez seis meses de vida. Não sei como saí do consultório. Começava a conceber a ideia de ter um filho e o que me ofereceram foi um câncer. E agora?

Peguei o carro e fui falar com minha mãe. Eu estava atônita. Chegando lá, contei o ocorrido. Ela disse que não me desesperasse. Aconselhou-me a procurar a opinião de outro médico, talvez aquele com quem ela se tratava – fazia Medicina Ortomolecular. Ela gostava dele, considerava-o muito bom.

Não dormi naquela noite. No outro dia fui procurar o médico recomendado pela minha mãe – Dr. José Valdaí de Souza. Ele conversou muito comigo. Disse que somente por aquele exame não poderia ser diagnosticada a gravidade do quadro. Após muita explicação, decidimos fazer conização para ter certeza.

Após a cirurgia e o envio do material colhido para o laboratório, o resultado veio com 99,9% de probabilidade do tumor ter sido totalmente extirpado.

Ele disse que eu fosse viver minha vida, ter meu filho (Tinha explicado para ele o meu sonho e porque tinha feito o exame) e nós íamos controlando. Se, futuramente, fosse verificada a necessidade de extirpar ovários, útero e trompas, se o tumor se alastrasse, isso seria feito. Disse a ele que não iria gerar um filho

na insegurança, só para satisfazer meu ego. E se me acontecesse algo, como ficaria esta criança e que gravidez eu teria? Não, se até esta idade eu não tivera coragem para ter um filho, não seria naquele momento que iria fazê-lo. Decidimos pela cirurgia.

Não falei nada para meu namorado. Comemoramos meu aniversário como se nada tivesse acontecido. Na saída eu disse a ele que eu levaria algum tempo para revê-lo, porque iria fazer um tratamento. Não mencionei nada mais. Ele questionou se eu queria falar sobre o assunto. Eu disse que não, no momento não, em outra ocasião eu explicaria. Ele era maravilhoso e me entendeu. Na despedida, abraçou-me com todo carinho, deu-me um lindo beijo, sorriu e disse que sentiria saudade. Virei as costas e fui embora. Pensava que talvez nunca mais o fosse ver nesta vida. Não chorei no momento, eu precisava de todas as forças para enfrentar o problema que se aproximava.

Graças a Deus, ao meu médico e a todas as orações de meus familiares, tudo deu certo. Consegui vencer.

Quando o médico me liberou, telefonei para o meu namorado e nos encontramos. Perguntou como eu estava, se tudo havia corrido bem. Disse que tinha sentido muito a minha falta, mas se eu não entendia se eu não quisesse falar sobre o assunto. Para mim foi maravilhoso. Eu tinha de vencer por mim, porque eu queria voltar a sentir o contato com aquela pessoa maravilhosa que eu amava tanto e me fazia feliz. Ele era a razão maior, meu ponto de referência pela luta e agradeço tê-lo conhecido e amado porque foi com ele que descobri o problema a tempo de sobreviver. Muito mais tarde contei tudo a ele. Nada mudou entre nós por isso.

Agradeço a ele por ter me ajudado a me mostrar que eu continuei mulher como antes, ou até melhor.

Não estamos mais juntos. Nossa história terminou. Mas ele tem um lugar muito especial dentro do meu coração. Foi minha razão de luta pela vida naquele momento. Não faço mais parte do grupo de risco, mas continuo fazendo exames periódicos. Estou sempre em contato com meu médico, tomando a medicação que ele recomenda e julga necessária para manter meu organismo em equilíbrio.

Sensibilidade e equilíbrio

Quando criança, meu pai me ensinou a nadar no rio.

Primeiro ele me colocava em suas costas e nadava para que eu visse e sentisse como se fazia. Depois, colocava as mãos, dizia para deitar em cima delas e mandava fazer como ele: bater os pés e levar um braço à frente, puxando a água; logo depois o outro. O segredo, ele dizia, era confiar, não ter medo porque ele não iria tirar as mãos, só faria quando sentisse que eu estava pronta para nadar sozinha. Aos poucos eu ia relaxando, ele ia baixando as mãos e a água fazia sua parte de sustentação.

Assim é a vida. Quando surge um problema sempre tem uma mão amiga para nos amparar. Precisamos confiar – pode ter certeza que sempre surge. No momento em que podemos seguir sozinhos, ela desaparece. Isto serve para nos fortalecer. Foi o que aconteceu comigo no caso do câncer. Minha história com meu namorado era eu reviver. Precisava estar vivendo um grande amor para me dar sustentação e enfrentar um câncer e vencê-lo. O seu amor, naquele momento, fortalecia-me e fazia com que eu quisesse viver. Depois cada um seguiu seu caminho.

A criança, quando começa a caminhar, sempre segura na mão da mãe que, aos poucos, a vai soltando. No início ela cai, mas quando a mãe segura na mão da criança novamente e assim vai até que ela segue, meio trôpega, mas vai se equilibrando. Se não for feito assim, ela nunca terá a segurança de acreditar que pode caminhar sozinha.

Nesta vida encontramos vários companheiros de viagem, com os quais vamos andando lado a lado. Às vezes precisamos ser carregados no colo para um descanso, mas tão logo conseguimos nos sustentar nas próprias pernas ou nos amparar numa mão amiga, devemos seguir adiante, apesar de alguma dificuldade para nos mantermos em pé. Só assim nos fortalecemos. Muitas vezes esta força vem do Pai Maior, é só pedir que Ele manda a força necessária, quer através de um amigo ou nos tirando o medo de cair.

Sinto como se minha vida fosse fragmentada.

As coisas não se unem e nem têm uma continuidade.

Parece que tenho vivido sempre pulando e correndo por vários lugares, vendo e fazendo alguma coisa, mas que estas são sempre isoladas.

Como se eu fosse responsável por todo o Universo e que, para todas as coisas erradas, eu tenha de fazer algo para modificar, melhorar. Não gosto de ver os erros das pessoas e quero sempre desculhá-las, achando um motivo para justificá-los.

Minha terapeuta contou-me um fato: sua avó tinha, no quintal, apenas dois pés de café, cujos grãos, quando maduros, ela colhia, secava, moía e preparava para o uso. Era suficiente para a família. Todo ano se repetia a mesma rotina. Minha terapeuta, como toda criança, gostava de apanhar os grãos maduros e chupá-lo, jogando as sementes fora, não sabendo, com isto, que diminuiria a produção. Mas mesmo assim, os grãos restantes bastavam para

todo o ano deles. A própria Natureza já sabia que alguns grãos não seriam usados para moer, mas que uma criança sentiria o gosto prazeroso de seu sabor. Ela se encarregava de produzir o suficiente para que esses não fizessem falta.

Por que esta senhora não plantava mais pés, se tinha terra e local para isso? Sua capacidade de cuidar e transformar os grãos em café era limitada a esses dois únicos pés. Ela tinha conhecimento de suas limitações, talvez inconsciente, mas tinha a sabedoria de ouvir seu coração.

Na vida nunca parei para pensar nas minhas limitações. Sempre corri para vários lugares, fazendo diversas coisas ao mesmo tempo, embora seguidamente isso me provocasse muito cansaço e não pudesse saborear o prazer da realização. Tinha sempre de provar ao mundo como, do quê e do quanto eu era capaz.

Sou a segunda filha mulher a nascer. Sempre ouvi minha mãe dizer às visitas que eu era lerda e que não fazia as coisas bem feitas, como ela gostaria. Por isso, eu corria e tentava alcançar tudo a tempo e hora para provar que era rápida. Eu queria ser amada e reconhecida. Minha irmã mais velha era rápida e organizada – a preferida deles. Sentia-me a *patinha feia* e incapaz. Agora entendo meu gesto naquele dia, quando, sentada na janela, disse a meu pai que iria estudar e trabalhar muito e ajudá-los para que ninguém mais pisasse em cima dele e de nós. Na realidade queria que ele me dissesse que não era preciso, que ele mesmo iria fazer isto, que eu era muito importante para eles e que já estava fazendo minha parte. Eles disseram que eu tivesse cuidado e não fosse fazer nada

que os envergonhasse. Não importava para eles a minha solidão, os meus medos. Eles não tinham tempo também para pensar nisto. Nem sabedoria, talvez.

Meu pai, em seu entendimento, deixou-me ir, pois acreditava era para o meu próprio bem e que eu queria isto. O que uma criança de dez anos, morando no interior, onde não havia luz elétrica ou televisão; o rádio era à bateria – pouco usado porque ela gastava logo e era difícil recarregá-la. Saberia o quê, da vida e do mundo além do que contavam minhas tias que moravam na Capital?

Hoje sei que a vida é um ônibus com muitas paradas. Em trechos da estrada temos a companhia de algumas pessoas com quem trocamos ideias, um sorriso, energia ou simplesmente ocupam aquele espaço por alguns momentos. Uns descem antes, outros depois, bem como vão embarcando outros. Quando chega nossa hora, temos de descer e pegar outro ônibus, trem ou avião e continuar a avançar. Temos o tempo de parar e transformar o conhecimento adquirido de cada momento em sabedoria para a próxima viagem. Não adianta querer viver correndo para todos os lugares.

Temos de possuir um ponto de referência – nosso lar. Lugar para onde sempre retornamos, quer seja cansado, triste, feliz ou realizado, não importa, é onde nos recompomos para seguir adiante com o conhecimento adquirido e transformando-o em sabedoria para os próximos passos nessa nossa caminhada de aprendizado.

A busca pela segurança

Você já parou para pensar que não temos segurança neste mundo? Segurança a que me refiro é um lugar seguro onde nada pode nos acontecer, onde sabemos que tudo o que queremos está ao nosso alcance, visível, uma segurança plena.

Temos um lar que tratamos de cercar com grades, alarmes, cães, portões de ferro, trancas nas portas. Ficamos dentro dele, trancados, e ainda assim não nos sentimos seguros, porque o perigo está nas ruas e, mesmo com todas as proteções que colocamos, nada impede que sejamos assaltados. Por outro lado, o nosso espírito não se prende dentro de quatro paredes. Nossos pensamentos vão a lugares inimagináveis em questão de segundos ocasionando, com isso, muito medo porque vamos por onde há guerras, desordens, tristezas, catástrofes e não encontramos, dentro de nós, a confiança para mudar o rumo de nossa imaginação. Não temos um ponto fixo que nos dê apoio e segurança – é quando sentimos medo ou fobia.

Criamos mecanismos para dar segurança a nosso físico, mas não encontramos um meio de equilíbrio para o nosso espírito. Por exemplo: quando estamos apaixonados pensamos ter encontrado nosso companheiro de jornada neste mundo e colocamos todas as nossas esperanças e segurança nesta pessoa... Mas ela também está à procura de alguém que lhe dê segurança. E cada um recebe toda a responsabilidade de fazer o outro feliz e tranquilo. Por uns tempos dá resultado, mas aos poucos o idealizado no parceiro vai ruindo porque ele também é humano e cheio de inseguranças. E voltamos a ficar perdidos e frustrados.

Muitos buscam na religião a segurança e a resposta para tudo, passando a seguir cegamente aquilo que o pregador ensina. Como estamos perdidos e desesperados, concordamos em nos agarrar a essa tábua que nos foi jogada neste rio de incertezas em que nos encontramos. Procuramos seguir cegamente, entregando nossas vidas nas mãos deles.

Como o passar do tempo, começamos a notar que o mundo ficou pequeno demais e nada mais fazemos por nossa vontade. Tudo é determinado ou orientado por eles e vemos que nossa insegurança aumentou porque nem ao menos o que precisamos ou sentimos é avaliado por nós. Colocamos toda a nossa vida nas mãos dos outros, sem nunca questionarmos ou termos ideias próprias, tais como interpretar ou criticar o que ouvimos. A dor e o prazer são pessoais, portanto, ninguém pode senti-los pelo seu semelhante. Podemos até procurar compreender e sermos solidários, contudo, jamais sentir pelo outro. Cada ser humano é único e está numa fase de evolução própria.

Então o que acontece conosco? Voltamos a nos sentir sozinhos e desiludidos. Buscamos, muitas vezes, partir para o oposto do que estávamos fazendo, ou seja, jogamo-nos nos prazeres mundanos, porque nos sentimos perdidos. Tudo o que nos foi oferecido como verdadeiro, certo e eterno, não teve sustentação porque a fé não partiu de nós. Não nos ensinaram a questionar e sentir o Amor Divino em sua plenitude.

Vivemos num mundo com pessoas que não pensam como nós, mas com as quais diariamente fazemos trocas gratificantes quando não estamos imbuídos e pressionados por pensamentos de

que o mundo é nosso inimigo e apenas os que fazem parte desta ou daquela religião salvar-se-ão. E os demais arderão para sempre no fogo do Inferno.

E agora?

Acredito num Pai Maior e Amoroso que, indiscriminadamente, criou um Universo perfeito para seus filhos que vieram povoá-lo. Temos o livre-arbítrio de aproveitá-lo como melhor nos aprouver, sem ferir o nosso próximo, seguindo os sentimentos e desejos de nosso coração, que são exclusivos. Ele nos suprirá com o que for necessário para que sejamos felizes. Não precisamos de intermediários para chegar até Deus, porque ninguém é melhor ou mais especial do que o outro para falar com Ele. Nós devemos saber o que queremos e então poderemos ter uma conversa franca, de coração, para pedir o que precisamos. Nem sempre recebemos da maneira como pedimos, nem no momento que queremos, mas Ele nos atende. Não quer dizer que não tenhamos de ter uma religião. Cada um é livre para decidir. Fazer parte de um grupo em que se sinta bem com os companheiros de viagem, apoiando-se e na mesma fase de evolução. Isso fortalece e colabora para a jornada ser mais leve e ajuda no aprendizado a que nos propomos quando reencarnamos. Mas nunca se deve perder a individualidade.

Consulte o seu coração para sentir o que precisa. Depois, corra atrás, porque Deus lhe deu tudo o que você necessita para completar as suas necessidades aqui na Terra. Deu-lhe os rios para que possa se abastecer de energia e lavar as impurezas do físico. O sol, para aquecê-lo durante o dia. À noite, para seu corpo descansar, para que seu espírito saia e busque as respostas do outro

lado, junto a espíritos mais evoluídos. A Terra-Mãe, de onde você tira o sustento para o seu físico e que alegra seus os olhos com as belas flores coloridas, árvores e gramados, formando o tapete sagrado onde nossos pés pisam, onde os pássaros encontram seu alimento e o vento se encarrega de dançar um bonito balé com as folhas das árvores, oferecendo-nos o prazer da brisa em nosso rosto e nos sentirmos vivos. Tudo contribuindo para formar este belo conjunto que é a Natureza. Ainda o mar, beleza rara, ao nosso dispor. Suas ondas, que parecem vivas, são incansáveis; lugar em que podemos nos recarregar de energia. Caminhar na beira da praia, sentir a areia nos pés e a água batendo em nosso corpo, o som de suas ondas, o brilho do sol em sua superfície. O horizonte, onde o céu encontra o azul de suas águas, é um quadro perfeito.

Provas de que Deus criou o espaço para que pudéssemos abastecer-nos quando precisássemos e tudo está ao nosso dispor, gratuitamente.

Somos livres para ir e vir. Basta sabermos que a segurança está dentro de nós e tudo está à nossa disposição neste mundo.

Viva a vida, não brigue com ela.

Amor de mãe

Precisamos estar sempre atentos durante nossa caminhada. Meu sobrinho Rafael, que é portador da *Síndrome de Willians*, fez uma cirurgia do coração que, num primeiro momento, transcorreu bem. Porém, após isso, ele apresentou um problema de perda de sangue que levou os médicos a refazerem a cirurgia. Felizmente tudo foi sanado e ele se recuperava bem até que apareceu uma febre que não baixava, deixando todos apreensivos, os médicos e, mais ainda, nós.

Eu estava fazendo um curso de informática no Tribunal Regional do Trabalho para troca de sistema na Vara do Trabalho onde exercia minhas funções como Assistente de Diretora de Secretaria, e até aquele dia, não tinha ido visitá-lo.

Mas algo me alertava que deveria ir vê-lo porque, além de sermos muito ligados, ele tem uma afeição grande por mim, e eu o adoro. Quando o vi fiquei muito preocupada com a fisionomia dele: chorava o tempo todo e não mexia o braço, onde estava o soro. Ainda perguntei para as enfermeiras que estavam cuidando dele naquele momento se a agulha não estava fora da veia. Elas disseram que não, pois recém haviam verificado.

Ouvi como se alguém me dissesse que deveria ligar para minha terapeuta e amiga. Ela poderia nos ajudar naquele momento com seus conhecimentos profissionais. Felizmente ela se encontrava em Porto Alegre. Consegui falar com ela, que já estava para voltar à sua cidade, mas mesmo assim, atendeu meu pedido de socorro.

Os pais eram a fisionomia do desalento; não sabiam mais o que fazer. Quando ela entrou no quarto foi como se uma luz divina houvesse chegado. Cláudia, a mãe do Rafael, abraçou-a como se buscasse forças, e chorou. Após isso, a terapeuta pegou Rafael, que estava sentado numa cadeira de rodas e continuava chorando, e colocou-o no colo da mãe. Pôs a mão da mesma sobre o corte e pediu que o massageasse com carinho, colocando também a mão de Denilson, pai dele.

O choro de Rafael mudou, transformando-se em choro de um bebê sentido. Aos poucos ele foi se acalmando e adormeceu.

Nunca me esquecerei desta cena. Ela ainda afirmou aos pais do enfermo: “Sê mãe apenas, não tem medo de machucá-lo, mostre que ele é teu bebê e que tu estás presente. E tu, pai, neste momento, teu filho precisa de ti, nada neste mundo é mais importante do que ele, o serviço pode esperar, ele não (ela falou isto porque ele disse que tinha de voltar para desansar e trabalhar)”. Levantou-se deu um abraço nos três e eu a acompanhei até a porta. Abracei-a longamente e agradei por ela ter vindo. Sorriu, fechou a porta e foi embora. Ninguém mais falou nada. Parecia que naquele momento nada poderia ser dito que fizesse algum sentido. O amor e a segurança que os dois estavam passando para o Rafael era o que importava.

Pairava naquele quarto uma energia inexplicável. Só quem viveu aquele momento pode saber, e eu fui uma das privilegiadas em poder estar presente ali, naquele preciso instante. Um instante que, apesar da dor, era envolvido numa paz muito grande. Pedi aos Mestres que protegessem aquela família e dessem aos médicos luz para encontrar o problema da febre.

Nada mais me restava a fazer. Era um momento deles, o que eu podia fazer já tinha feito. Dei um beijo em cada um e saí. Minha vontade era de chorar, mas não podia fazê-lo, pois iria encontrar com os meus colegas e retornar para casa, em Osório.

Quando cheguei à minha casa, não pude chorar, não devia deixar meus pais preocupados. Mas esperava que alguma coisa fosse acontecer. Eu me sentia anestesiada.

Denilson estava tentando trocar de quarto, porque aquele não tinha conforto, mas estava sendo difícil. Graças a Deus conseguiu e Rafael voltou para o andar onde o enfermeiro já era conhecido da família, e de quem o menino gostava muito.

Cláudia, com o filho ainda no colo, começou a observar que tinha um vergão vermelho no braço onde estava o soro. Foi quando chamou o enfermeiro e mostrou a ele que, prontamente, examinou e constatou que a agulha estava fora da veia, já estando o braço com uma intumescência próxima à flebite. Imediatamente tomou todas as providências necessárias e a febre foi diminuindo até desaparecer, fazendo com que meu sobrinho se recuperasse e retornasse para casa.

À noite Cláudia me ligou esperançosa, após ter descoberto o problema do soro. Sua voz estava diferente. Era como se estivesse, de novo, ganhado seu filho.

De tudo isso, uma coisa ficou certa: o que salvou Rafael não foi apenas o trabalho dos médicos, que examinavam e não encontravam o motivo da febre, mas, sim, o amor da mãe, que

havia acariciado e observado seu filho com amor e sem medo. Os médicos examinam o corpo, mas só o amor descobre coisas que estão ocultas pelo medo.

Mais tarde, numa de nossas conversas, Cláudia me disse que foi o dia mais decisivo na vida deles, porque naquela noite ela e Denilson conversaram como nunca tinham feito e se tornaram mais próximos. Não que tenham resolvido todos os problemas de suas vidas, mas estavam unidos agora e sentiam que alguma coisa mudara dentro deles, a partir daquela data.

Agradeço a Deus por tudo isto. Também a agradeço aos abnegados médicos e enfermeiros, minha terapeuta, pelos familiares que levaram carinho ao Rafael, por todos que rezaram pela sua recuperação.

Tenho com o Rafael grande afinidade e quando íamos à praia, ele, com aproximadamente três anos, cada vez que conseguia pular uma onda eu dizia *Yes!*, levantando o braço com a mão fechada. Este era o nosso gesto de vitória e foi o que disse e fez quando saiu do hospital e a mãe perguntou o que a tia Norma diria naquele momento.

Hoje é um lindo garotão que gosta de jogar futebol, torcedor do Grêmio; adora subir em árvores e faz tudo que um menino de sua idade gosta de fazer.

A responsabilidade da promessa

Passei correndo pela vida. Nunca parei para respirar. Vivi sempre sob uma pressão que, na realidade, foi criada por mim.

Quando surgia um problema em família, em ordem direta ou indireta, eles chegavam até mim para resolvê-lo, pois eu tinha prometido que faria. Nunca disse não. Nunca disse que não estava ao meu alcance, por mais difícil que parecesse. Ninguém me perguntava como eu iria fazer para resolvê-lo, eu ia a campo descobrir como fazer. Como Maquiavel, o fim justificava os meios. Graças à proteção divina sempre resolvi de maneira limpa, correta. Se fossem problemas financeiros, arranjava uma maneira de conseguir, com serviços extras. Embora já tivesse emprego, sobrava-me a noite, os sábados e os domingos. Se fossem problemas de doença, encontrava alguém para me atender.

Quantas vezes fui procurar ajuda com o seu Valdemar, um espírita que receitava e também fazia cirurgias astrais! Eu morava no bairro Menino Deus e ele na Restinga Velha, bairro conhecido por perigoso e violento. Várias vezes atravessei toda a cidade de madrugada, fiquei o dia inteiro esperando por uma consulta com ele. Tinha de sair de madrugada, porque o atendimento era por ordem de chegada e ele tinha muita clientela. Eu ia sozinha. Além de fazer tudo isso, ainda ficava tensa, porque precisava dar certo, eles colocavam nas minhas mãos a solução. Se desse certo? Não fiz mais do que minha obrigação. Se desse errado ou não fizessem certo o tratamento? Tinham a quem culpar e exigir mais. Fiquei muito amiga do seu Valdemar e sua esposa, a quem devo muita gratidão.

Certa vez, em um aniversário meu, ele mandou-me chamar, dizendo ter um assunto urgente para falar comigo. Como estava fazendo tratamento para várias pessoas da minha família, não questionei, embora fosse de noite que eu deveria ir e, como sempre, iria sozinha. Quando cheguei, estava preparado um churrasco para comemorar o meu aniversário. Tinha, inclusive, bolo com velinhas, meu primeiro bolo com velinhas. Foi uma bela e grata surpresa.

Já era bem tarde quando aí de lá, aproximadamente meia-noite. Era uma noite fria e escura de inverno (meu aniversário é no dia 31 de julho).

Nas ruas não havia iluminação até a avenida principal, distante 20 quilômetros, mais ou menos. Senti medo no momento quando eu me despedi, ele me abraçou e disse: “Vai sem medo minha filha, Deus vai te acompanhar”.

Logo que sai, entrei na primeira rua e vi que à minha frente ia um outro carro que iluminava o caminho e eu me guiava pelas sinaleiras dele. Ele mantinha, sempre, uma certa distância. Continuou assim até que eu cheguei à avenida que tinha uma sinaleira e começava a iluminação normal. A sinaleira estava fechada quando eu a avistei. Quando cheguei perto ela abriu para mim e eu tentei identificar o carro que me guiou por vários quilômetros, mas, como por encanto, ele não estava mais por ali.

Agradei a Deus porque sei que Ele me mandou aquela luz para me conduzir até onde havia mais perigo. Apesar de ser um bairro violento, nunca vi nem me aconteceu nada de perigoso.

Sentia que uma força muito grande me acompanhava, me protegia, quer fosse de carro ou de ônibus.

Tentando rever minha vida para encontrar o motivo pelo qual tenho insegurança quando preciso tomar uma decisão para mim e nunca sei se farei certo ou não, cheguei até minha infância, quando, com dez anos, mais ou menos saí de casa. Devia ir em frente e não tinha meus pais ou meus irmãos para conversar, discutir ou contar meus medos. Tinha de tomar decisão sozinha. Agora admito que tenho medo, por isso sinto tanta falta de um companheiro para conversar, expor e expandir meus pensamentos, discutir chegar a uma conclusão do que eu quero sobre qualquer assunto. Como isto seria bom!

Fui educada para sempre dividir com os outros que tenham menos do que eu. Vivi sempre olhando para os lados, vendo se algum familiar meu estava precisando de ajuda. Para isto, além de trabalhar em emprego fixo, ainda fazia “bicos”.

Estudava sempre, fazia cursinhos para melhorar ou procurar um emprego que pagasse mais. Sempre procurei suprir todas as necessidades, tanto financeiras como afetivas ou outras quaisquer que surgissem, mas esquecia dos meus próprios medos e necessidades.

Atualmente, tento encontrar dentro de mim o que eu gosto e trazer para mim o meu mundo. Tento deixar de ver os outros como minha responsabilidade.

Hoje sinto que sempre procurei passar para eles uma idéia de autossuficiência, quando na realidade sinto carência e necessidade de colo como todo ser humano. Todos estão vivendo suas vidas, estruturadas e com suas próprias famílias. Não posso querer que eles entendam meu desafio. Eles não pediram que eu fosse em busca da melhoria financeira de vida para a família. Muitos deles nem eram nascidos e acredito que eles não sabiam nem sabem da promessa que fiz ao meu pai. Como querer que eles entendam? A maneira de reagir às injustiças é minha. O desejo de não sentir inferioridade é meu. Não querer que meu pai fosse humilhado era desejo meu. Querer o melhor para todos era vontade minha.

Não me arrependo de ter tomado a decisão de modificar uma situação que me incomodava. Jamais seria feliz vivendo sob a hipocrisia de pessoas que se sentem realizadas menosprezando quem tem menor poder aquisitivo. Não ia continuar aceitando aquilo. Graças a Deus fui à luta, em busca de um mundo maior, onde encontrei pessoas boas e más, mas nunca desisti. Às vezes reclamei, sim, chorei, mas nunca deixei de acreditar que quando se quer, o Universo colabora e encontramos pessoas que nos ajudam a ir em frente e a vencer as dificuldades que surgem.

Vale a pena ir atrás de um sonho e eu, agora, olhando para o passado, posso dizer, com certeza: valeu a pena e eu venci. Claro que nem sempre acertei, mas a sabedoria que tudo isso me deu é o que me faz querer aproveitar todos os momentos que restam em minha vida, sejam eles difíceis, tristes ou alegres. Este mundo é uma grande escola que começa na hora em que nascemos e não tem limites, porque sempre estamos descobrindo coisas.

A cura de uma doença é uma vitória, sem sombra de dúvidas. Não devemos esquecer que foi falha nossa deixar criar um câncer e, antes de levantar uma bandeira e sair gritando aos quatro ventos “como sou poderosa”, devemos nos recolher e rever nossos conceitos e como estamos nos tratando. Pensar que primeiro temos de ser importantes para nós mesmos e considerarmos que o ocorrido foi um desvio proposital de nossa estrada ou uma parada para rever conceitos e curar calos e bolhas. Se depois sairmos ocorrendo e gritando para que todo mundo: veja como estamos bem, lá na frente podemos estar com os pés com mais calos, mais bolhas e mais feridas. Mas se, ao contrário, recomeçarmos a caminhada devagar, olhando onde pisamos e observando cada sentimento, cada momento, pisando firme e sem pressa, também chegaremos onde sonhamos e com uma carga bem maior de conhecimento e mais plena de todos os sentimentos.

Não pensem que após passar por um câncer você é diferente só por tê-lo vencido. A diferença está em reconhecer a vida, ele serve para nos mostrar que não somos tão poderosos assim, que nada vai nos atingir.

É como você ir andando a 100 quilômetros por hora e não notar que, logo à frente há uma sinaleira e quando você a vê, ela está a 10 metros e sua luz está vermelha. Só resta frear bruscamente e esperar mudar o sinal, ou também fechar os olhos e passar pelo sinal vermelho, acreditando que não vai dar mais tempo de frear. Aí a trombada é certa, salvo se, por sorte, não houver nenhum carro atravessando naquele exato instante. O mais sensato é ir na velocidade permitida, atenta aos cruzamentos e aos demais motoristas na estrada.

Meu pai sempre dizia que, se fosse inteligente, e escreveria um livro contando sua vida. Inteligência para escrever ele poderia até não ter, mas tinha sabedoria de vida. Ele não tinha estudo de bancos escolares, mas tinha experiência, pois a vida é nossa escola para adquirirmos cultura e conhecimento.

Se vamos transformar conhecimento em sabedoria é uma decisão nossa.

Ele morava no interior de um vilarejo, com sete filhos e em 1966 veio para uma cidade maior onde nasceram mais dois. Sem grandes estudos, conseguiu criar todos e dar segurança de vida para cada um, moldando personalidades dignas e valorizadas pela sociedade. Manteve a família unida até o fim de sua vida.

Como fazia isto? Não sei, mas conseguia que, aos domingos, tudo fosse diferente. Reunia ao redor da churrasqueira os filhos, noras e netos. Depois da carne assada subiam para suas casas, cada um levando o seu churrasco. Porém, muitas vezes decidiam ficar, unir as saladas e os churrascos e formava-se uma grande mesa, onde todos almoçavam juntos. Sua sabedoria era inata. Conhecia cada um de seus filhos e, sendo assim, sabia como mantê-los, todos, ao seu redor.

Agora, após a sua partida, tudo mudou. O domingo é triste. Ninguém mais se reúne. Nem nos dias quentes de verão, embaixo do pé de jabolão. Os sábados e domingos à tarde eram famosos, especiais. Os filhos, noras e netos iam chegando um por um, e tornava-se uma grande farra, com pipoca e chimarrão.

Após sua morte, resolvi fazer o seu memorial. Visitei o local onde ele nasceu e onde vivi até meus 10 anos. Não sabia que, na realidade, eu iria rever, visitar minha vida. Será que foi coisa de meu pai? Sempre dizia que queria escrever um livro sobre sua vida, e eu sempre procurei fazer as coisas que ele pensava e fiz, assim, uma homenagem: procurei montar sua história de vida numa fita de vídeo, juntando fotos antigas e atuais e vídeos onde ele estava presente para deixar registrados seus gostos, aptidões, suas participações na família. Colhi, também, depoimentos dos seus filhos para que cada um pudesse falar o que o pai representou para eles e para suas vidas; seus ensinamentos, suas cobranças. Assim, quando sentimos saudade ou alguém perguntar como era nosso pai, verão sua história num todo, não apenas por uma opinião particular. Poderão, dessa maneira, tirar suas próprias conclusões e formar um perfil dele conforme o entendimento de cada um. Acredito que, principalmente, será útil para as gerações futuras. Seus descendentes que não conheceram, poderão se entender melhor conhecendo seu antecessor e ver o que herdaram dele, tanto na fisionomia, quanto no comportamento. Este memorial é justamente para ele, que consciente ou inconscientemente, fez com que eu voltasse aos lugares onde vivi minha infância e de onde saí para o mundo em busca de meus sonhos.

Parei dentro do rio, no mesmo local onde um dia atravessei de caíque, numa madrugada, com minha pequena mala que levava as poucas roupas que tinha. Lembrei-me de meu pai remando. Atravessamos e tomamos o ônibus que me levou até o centro do povoado e outro até o local onde eu começaria toda a minha jornada em busca do meu Eu. O rio onde aprendi a nadar, ensinada pelo

meu pai. Como este rio foi divisor da minha vida! Atravessando-o, rompi com uma vida de família e fui para um mundo totalmente desconhecido. Minha idade? Dez anos.

Agora, parada dentro deste mesmo rio, com a água pelo joelho, fiquei olhando e comparando sentimentos: naquela época o rio parecia tão largo e grande, agora o vejo estreito e calmo.

Assim também são as nossas dificuldades: quando estas surgem, parecem monstros e depois que seguimos em frente, transpondo-as, olhamos para trás e verificamos que cada dificuldade que surgir sempre vai ser maior do que a anterior, porque é como uma escada, a cada degrau que subimos, ficamos mais altos, mais acima do chão – e o tombo é maior. Mas sabemos e conhecemos os degraus a subir porque já passamos por eles. É só ter paciência e pensar como dar o primeiro passo, não nos preocupando em chegar ao topo, mas valorizando degrau por degrau. É uma nova subida e verificamos que deixamos de ver e aprender muita coisa quando passamos por ali pela primeira vez. Cada tombo é como se fosse para verificar se aprendemos a lição e enxergamos quanta coisa já aprendemos e como sempre teremos coisas para aprender e colocar em prática.

O encontro de si mesma

Naquela tarde fria de inverno, Joana estava sentada, solitária, no alto de um rochedo, de frente para o mar, com o sol às suas costas e sentindo o suave sopro de uma leve brisa. Seu olhar estava perdido na imensidão do oceano e no vazio da praia. Estacionara seu carro após rodar sozinha e chorar muito por vários quilômetros, buscando encontrar respostas para a sua vida. Já havia tentado encontrá-las, frequentando festas, viajando para países distantes, de diferentes culturas, no amor de seu parceiro, mas nada preenchia o vazio que sentia no coração.

A sensação era de que aquilo que seus olhos viam ou as palavras que as pessoas falavam não conseguiam transpor a parede invisível que a rodeava, não a deixando sentir a beleza do Universo nem a doçura das mensagens enviadas por seus amigos, ou mesmo vista em algum filme. Lembrou da viagem de férias que fizera a Paris juntamente com suas amigas. Na ocasião achara ótima e se entusiasmara com a ideia de viajar para um país que sempre fora seu sonho conhecer.

Arrumara as malas com entusiasmo, pediu suas férias e partiu. Escolheu um bom hotel, bem localizado, e decidiu que aproveitaria todos os momentos. Fez uma lista dos museus que visitaria, das peças que assistiria, dos bons restaurantes que frequentaria e dos belos passeios.

Quando o avião pousou no aeroporto, ela pensou: “Com certeza aqui começa a minha nova vida”. Foi para o hotel, gostou

das acomodações e nem desfez as malas. Logo saiu para dar um passeio, indo até um café muito aconchegante que encontrou relativamente perto do hotel. Escolheu uma mesa que lhe dava uma boa visão da rua e pediu algo para comer. Não tinha dificuldades de se comunicar, uma vez que falava fluentemente o francês.

Após comer, decidiu voltar para o hotel e se preparar, pois à noite iria com as amigas assistir a uma peça de teatro. O lugar era muito lindo, tudo perfeito.

Gostou da peça, mas não sentiu nada diferente do que sentia quando assistira a outras peças, no Brasil. Aquilo começou a preocupá-la porque o mesmo tinha acontecido antes, no café. Cumpriu todo o roteiro que planejara, porém, cada vez mais foi sentindo um vazio. Era como se estivesse apenas cumprindo uma tarefa preestabelecida.

Terminado o tempo que escolhera para a viagem, retomou. Tirara muitas fotos e, quando as olhava, sentia como se não estivesse presente nelas, apenas sua fisionomia, não seu coração. Comentou com suas amigas como estava se sentindo, explicando que a viagem, apesar de perfeita, nada lhe tinha acrescentado, pois continuava vazia.

Lembrou do namorado que encontrara no Brasil e que, pensara, preencheria seu vazio. Mas, apesar de passearem bastam e de ele ser bonito e gentil, não conseguiu levar o relacionamento adiante, por muito tempo. A sensação de solidão, apesar de estar com ele, permanecia. O mar sempre foi seu grande companheiro. Não sabia o que a fazia sentir-se assim, se era a brisa salgada,

a areia que seus pés tocavam a maré que, incansavelmente se mantinha viva, indo e vindo, jogando na praia sua espuma branca, ou o conjunto de tudo isso.

Após longo tempo contemplando o infinito, decidiu caminhar pela beira da praia, como sempre fazia quando precisava pensar ou sentir o prazer da areia e a água do mar em seus pés. Talvez isso ajudasse a entender aquele seu momento. Caminhou absorta, saboreando a brisa no seu rosto, a água fria em seus pés que marcavam suas pegadas na areia por aonde iam passando.

A praia estava quase deserta, apenas alguns pescadores com seus caniços se lançavam à sorte da pescaria. Os pássaros aproveitavam o deserto da praia para se alimentar de pequenos peixes que as ondas traziam para a beira. Levantavam voo quando Joana se aproximava, formando um lindo cartão postal em conjunto com o mar, suas ondas e os pescadores.

Levantou os olhos para observar tudo isso, quando lhe pareceu escutar uma voz que dizia: “Deus fez um mundo belo com todas as coisas que precisamos para sermos felizes. Nada tem significado se não olharmos para dentro de nós e buscarmos a nossa essência, nossa centelha divina ou nosso Eu interior. E nos amarmos pelo que somos e vivermos sabendo que tudo está à nossa disposição para nosso prazer. Não devemos esquecer que somos únicos e individuais, mas nunca estamos sozinhos. Sempre temos um Anjo-da-Guarda acompanhando-nos, é só chamar por ele e ser humilde para ouvir a resposta ou sentir a sua presença”. Ela olhou ao redor e não viu ninguém, mas tudo parecia ter sido tão nítido e real que aquela voz não saía do seu pensamento. Perguntou-se:

“Será que Deus olhou para mim e respondeu às minhas preces?” Lágrimas começaram a descer pelo seu rosto. Não de tristeza, mas de emoção, fazendo-a sentir-se viva novamente, tomada por uma grande sensação de paz e amor por tudo que a cercava, pela vida que tinha e uma gratidão muito grande pelo Ser que lhe enviara tamanha sensação de proteção e amor.

Abriu os braços, olhou para o céu e disse: “Obrigada, meu Deus, pela graça de sentir o Seu amor por mim, e de ser capaz de ver e experimentar tanta beleza neste momento e neste pequeno mundo”.

Molhou as mãos, lavou o rosto e caminhou um pouco para dentro do mar, com a água tocando os seus joelhos e as ondas respingando gotas salgadas em seu corpo.

Voltou até onde tinha deixado o carro. Entrou nele e, sentindo-se leve e segura, deu a partida. No rádio, a música que estava tocando, completava o momento. Começou a acompanhar o ritmo batendo com os dedos na direção e tentando cantar junto. Sentia-se jovem novamente.

Ao chegar em casa, percebeu pela primeira vez como era gostoso retornar e rever suas coisas.

Ao abrir o portão, sentiu-se como se fosse abraçada por aquele pequeno mundo, formado por ela mesma. A casa parecia maior e mais acolhedora; o seu jardim exalava o perfume das rosas que estavam floridas e lindas e ela nem lembrava que existiam tantas roseiras e nem quando as tinha visto florir pela última vez. Sentiu

o aconchego gostoso e não parecia mais estar sozinha. Tudo fazia parte de sua vida e ela se percebia parte daquele Universo.

Recomeçaria a trabalhar, suas férias estavam terminando, e seria mais atenciosa com os outros. Sabia que a paz que estava vivenciando não duraria para sempre, porque as dificuldades da vida continuariam a acontecer, mas sabia também que não estaria sozinha para ultrapassá-las. Teria humildade e pediria ajuda ao Mestre Maior e Criador deste belo mundo.

Confiava que Ele não a abandonaria, mandaria ajuda e sabedoria para que pudesse seguir em frente.

Redescobrimo a sensibilidade para amar

Sarah estava com cinquenta e oito anos e após o seu último relacionamento amoroso, que lhe trouxera grandes alegrias, mas também muita dor, decidira que estava velha e que se encerraram as possibilidades de ser novamente feliz no amor, com um parceiro.

Sentou-se numa clareira durante uma caminhada ecológica, e olhou ao seu redor. Pôde analisar como tudo se encaixava na Natureza, tornando aquele ambiente calmo e aconchegante, com uma leve brisa a soprar e o sol com seus raios atravessando por entre as frondosas árvores. As folhas caídas no chão logo seriam transformadas em nutrientes, tanto para as pequenas trepadeiras e outras espécies de plantas nascidas entre as grandes árvores.

Começou a pensar nas muitas vezes que se apaixonara e o que cada um deles significara na sua vida.

Lembrou de Itacir, com quem aprendera a gostar de boa comida, viajar, dançar e a viver sem tempo determinado para fazer o que quer que fosse e a não cobrar presença, mas sim viver cada momento, chegando quando menos era esperado.

Nesta época era muito metódica e crítica. Tinha medo de viver coisas novas e de perder o controle da situação. Com Itacir, ela conseguiu ver o mundo de uma maneira diferente do seu método formado, entendeu que nada é estável e nem tudo tem de acontecer conforme o previsto.

Em seguida, formou-se em sua mente a imagem de Marcos, meigo e cheio de pequenos gestos cativantes. Recordou-se, saudosa, dos bilhetes deixados por ele sobre sua mesa de trabalho ou mandados por um colega, cúmplice do romance que não era do conhecimento de mais ninguém na empresa, decisão que tomaram para evitar comentários e também por entenderem que somente a eles isso dizia respeito; lembrou-se dos telefonemas dele antes de dormir, logo que chegava em sua casa, vindo da Faculdade, para saber como tinha sido seu dia e para lhe desejar boa noite. E, pela manhã, para dizer “bom dia” e falar que tinha sentido falta do carinho e de dormirem abraçados. Jamais imaginara que uma noite, uma noite de amor sem peias, aquilo pudesse acontecer... Eles estavam sentados na sala, tomando refrigerante e comendo salgadinho – composto de cenoura, pepino, queijo e presunto cortados em pequenos pedaços e enfiados no palito – que fizera com tanto carinho, pois era o de preferência de Marcos. Ele pedira que o fizesse.

Olhou para ela e disse, com a maior naturalidade do mundo, sem quaisquer rodeios, que estaria se casando dentro de um mês. Falou ainda que não tivera coragem de dizer antes, sempre adiando.

Ela não quis acreditar, pensou que era um pesadelo. Ele tentou justificar o que estava acontecendo e porque se casaria com essa pessoa, justificando que, por ser filho único e a sua mãe gostar muito da menina, ele aos poucos foi aceitando a idéia.

Ela não lembrava o que ainda falaram naquela noite, só que se esforçara para não chorar diante dele, e que não parava de se perguntar por que ele fizera isso com ela – e como nunca

desconfiara de nada. Não podia acreditar também que a mãe de João pudesse ser tão falsa, porque sempre ligava para ela para saber como estava ou para pedir que interferisse junto ao seu filho, quando ele não concordava com alguma de suas sugestões de vida ou de trabalho!

Ele se despediu e ela ficou com sua dor quase insuportável. Tentou dormir porque pela manhã tinha de ir trabalhar.

Depois do acontecido teve sorte de conhecer um grande amigo, o Voltaire, para ajudá-la a passar pelos dias terríveis que se seguiram – e pensou que nunca mais haveria de se apaixonar por alguém. Sua autoestima foi abalada e não sentia ânimo para nada, mas seu amigo conseguira fazê-la entender que a vida continuava e ela tinha de seguir adiante.

Na expectativa de se sentir-se ainda estava viva emocionalmente, tentou um relacionamento que sabia não ter possibilidade de levar a lugar nenhum.

Ela só queria a oportunidade de tirar da sua vida a lembrança de Marcos e pensou que nada melhor do que outro homem ocupando o seu lugar.

Sabia que estava fazendo isso por vingança, que não estava feliz e muito menos estava ajudando a aliviar a dor da rejeição que sentia. O atual namorado tratava-a como uma rainha, porém ela não sentia nenhum prazer no que estava fazendo e decidiu parar com a brincadeira de mau gosto que só a estava prejudicando e machucando.

A vida não para e o tempo é o melhor remédio para cicatrizar as feridas, embora ele não consiga apagar a dor que vivemos. Ela fica mais amena, mas não desaparece.

Um dia estava andando pelo corredor da Faculdade, onde estudava quando vinha em sentido contrário um professor seu.

Quando se aproximaram, ele deu um sorriso para ela que a fez gelar. Muitas vezes o tinha visto na sala de aula e todas as meninas o achavam lindo, porém ela não notava nada diferente nele. Até parece que ela estava anestesiada e não olhava para nenhum homem com olhar que pudesse despertar algum sentimento. Não permitia que isto acontecesse. Parou na frente dela e deu um *oi*. Disse que gostaria de falar com ela em outro lugar, que não na Faculdade, se poderia dar o número do telefone. Ela se assustou porque jamais imaginara que ele lhe dirigiria a palavra para falar alguma coisa fora de aula; muito menos que quisesse falar com ela em particular. Deu o número, sem esperar que ele lembrasse de ligar. Sabia que ele dava aula em várias Faculdades e tinha uma clínica, pois além de professor era psicoterapeuta. Outro dia ele ligou, conversaram e marcaram de se encontrarem. Ela ficou nervosa, porque não estava entendendo o que estava acontecendo com ela. Começara a sentir um calafrio quando lembrava dele e pensava que fosse de medo e insegurança, mas isso só descobriria pessoalmente.

No dia combinado, ela foi ao seu encontro. Estava tensa e insegura, ainda resquícios do rompimento do relacionamento anterior. Quando chegou ao prédio, ele já estava esperando e quando a viu deu um sorriso que amenizou sua insegurança. Ele

a conduziu até seu apartamento e disse que estava preparando um pequeno jantar para eles. Enquanto aguardavam, tomaram vinho e ele falou que a vinha observando nas aulas porque era a única que apenas se importava em assistir às aulas e não tentava chamar sua atenção e, muitas vezes, nem o cumprimentava, quando chegava. Disse que o aspecto físico lhe chamou a atenção, mas o que eram mais significativos eram seus olhos lindos, porém um pouco tristes, que o atraíram muito. Falou que sempre que voltava para a casa após dar aula nesta Faculdade e cruzar com ela no corredor, visto que não era mais seu professor, pensava numa maneira de falar com ela, sem chamar a atenção dos demais alunos. Este foi o primeiro de muitos outros encontros e jantares durante sete anos de muito amor, que fez com que Marcos fizesse parte apenas de algo bom e ruim que acontecera no passado. Foi algo totalmente diferente do que vivera com ele. Os encontros eram sempre maravilhosos, com muita conversa, troca de conhecimento e de muito carinho. Não houve término desse relacionamento, simplesmente foram se afastando e depois ele adoeceu e voltou para sua cidade. Ela ainda recebeu um telefonema dele, dizendo que gostaria muito de falar com ela, que fora um anjo que surgira em sua vida e nunca a esquecerá. Sarah disse que, quando quisesse, viesse visitá-la. Ela ficaria feliz em revê-lo, também, mas ele não apareceu e também não ligou mais.

Lembrou de seus amores de adolescente e de outros que não tiveram tanta importância em sua vida e pensou que nunca mais iria sentir aquele frio na barriga ao ouvir a voz de alguém, torcer para que chegasse a hora do encontro, ou mesmo sonhar com seus beijos e seus carinhos. Sentiu duas lágrimas escorrerem pelo seu

rosto e viu que o sol já havia se posto e que a noite não tardaria a chegar. Levantou-se e resolveu que era hora de voltar para casa.

No outro dia, levantou-se, tomou café e decidiu que iria caminhar como fazia em dias alternados, ou sempre que sentia vontade. Precisava continuar vivendo e cuidando de sua saúde. Fez o itinerário de sempre, chegou ao local onde caminhava, mas não notava as pessoas que andavam na pista atlética ou os jovens que estavam treinando no campo de futebol. Após algumas voltas na pista, lembrou que, no dia anterior, tinha ouvido no rádio que uma equipe de futebol juvenil da cidade levava uma goleada de seu adversário. Olhou para os jovens que estavam sentados na beira do campo aguardando o treinador e começou a notar que estavam tristes, cabisbaixos, comentando o vexame. Continuou seu trajeto e, quando completou o tempo predeterminado, decidiu voltar. Quando se aproximava do portão de entrada viu alguém sentado, conversando ao celular e, pelo abrigo que usava, identificou como sendo o técnico do time perdedor. Aproximou-se dele, perguntou se fora ele que comandara o time que levava uma goleada no dia anterior. Ele levantou os olhos e disse que sim. Conversaram e ela se apresentou, dizendo ser escritora e que gostava de futebol. Conversaram por alguns minutos e ela falou que, se tivesse oportunidade, dar-lhe-ia alguns de seus livros para que pudesse conhecer seu trabalho. Despediu-se e foi embora. Fez a mesma caminhada várias outras vezes, mas sempre esquecia de levar os livros e, muito menos, o reconhecia treinando os jovens. Parecia viver alheia ao mundo que a rodeava. Uma manhã, ao sair de casa, lembrou do prometido e, quando chegou ao campo, lá estava ele, com seus atletas. Fez a caminhada costumeira e

depois sentou para esperar o treino terminar. Ficou assistindo o trabalho do técnico e dos jogadores. Assim que ele se desocupou, veio em sua direção com um sorriso no rosto cumprimentou-a e ela retribuiu dizendo que no envelope estavam seus livros. O treinador agradeceu, convidou-a para assistir ao próximo jogo, e dar uma força a eles. Ela perguntou quando seria e garantiu que estaria presente. Despediram-se como se despedem pessoas que tinham acabado de se conhecer, nada significou para ela e cada um seguiu seu caminho.

Na tarde do dia seguinte, ela estava em casa e seu cabeleireiro a estava atendendo quando o telefone tocou. Ela pegou o aparelho e se surpreendeu quando a voz se identificou como sendo Paulo, o técnico que conhecera outro dia. Então ela lembrou que colocara o número do seu telefone abaixo do autógrafo que dera em um dos livros.

Ela até estranhara o próprio gesto porque não era seu costume tal atitude. Ele disse que gostaria de falar com ela. Ela respondeu que viesse em sua casa e perguntou onde ele se encontrava e se conhecia bem o bairro. Após ele confirmar, ela disse que o estava aguardando. Ficou curiosa para saber o motivo que o levava a ligar e querer falar logo com ela. Será que ele tinha lido um dos livros e queria comentar alguma coisa? Restava esperar para saber do que se tratava.

Na hora combinada ele apareceu no portão. Ela foi abrir e ele lhe deu um beijo no rosto. Foi como se uma descarga elétrica lhe percorresse o corpo todo.

Era um final de tarde de verão. Ele estava de bermuda, camiseta e tênis e o convidou a entrar; Sentaram-se na sala e ele então falou que a derrota tinha lhe custado o cargo, visto que o clube o demitira naquela tarde. Falou também que estava separado da esposa e ela estava pedindo o divórcio, e os diretores afirmaram que esse problema estava afetando o seu lado profissional. Disseram que ele fosse à sua cidade resolver este problema e depois voltariam a conversar, pois ele era um bom profissional, mas não estava conseguindo administrar seu problema pessoal. Continuaram a conversar e como estava muito quente dentro de casa, foram para a beira da piscina, onde ficaram tagarelando por um bom tempo. Ele contou que tinha três filhos e que fora casado por dezesseis anos. Estava confuso com tudo o que vinha acontecendo. Falou do tempo que jogara futebol, dos seus sonhos profissionais futuros e que estava confuso sobre sua vida emocional. Depois disse que tinha compromisso, mas que gostaria de voltar a falar com ela. Perguntou ainda se ela aceitaria jantar com ele no dia seguinte, assim poderiam continuar a conversa que, para ele, estava sendo muito prazerosa e que pela primeira vez confiara em alguém tão rápido a ponto de fazer tantas confidências. Ela respondeu que aceitaria, sim, com o maior prazer, e que seria gostoso continuar o batepapo. Como ele viera caminhando – segundo ele, estava precisando andar ao ar livre para pensar melhor e foi quando teve a idéia de ligar para ela – perguntou se não aceitaria que ela o levasse de carro até a sua casa, com o que ele concordou, após alguma relutância. O trajeto não foi longo e Sarah sentindo-o sentado ao seu lado no carro, desejou beijá-lo, quando ele fez um comentário qualquer e olhou para o lado dela e sorriu levemente. Aquele gesto e aquele sorriso sensual a fez sonhar e desejar abraçá-lo e a beijá-lo. Porém, se conteve. Ela é que estava dirigindo o carro e pensou ser uma sorte porque caso contrário não sabia se conseguiria se

conter. Ele deu-lhe o número do seu celular, despediu-se, deu-lhe um beijo no seu rosto e foi embora.

No outro dia, Paulo ligou para ela confirmando o desejo de jantarem juntos, convite imediatamente aceito por Sarah. No horário combinado ele passou para pegá-la. Escolheu um restaurante calmo e acolhedor, onde sabia servirem uma boa comida e tinha uma música gostosa de ouvir enquanto jantassem.

O jantar foi maravilhoso e a conversa fluía como se já se conhecessem havia muitos anos. Sentiam uma energia de sensualidade fluir entre eles.

Ao saírem do restaurante ele comentou que ela era a primeira mulher que aceitara sair depois da separação e que a achava muito bonita, inteligente, com um senso de humor e um pouco de malícia que o encantara. Voltaram a conversar outras vezes, mas nada além de conversar, apenas olhares sensuais, Sarah recebeu um telefonema dele convidando-a para almoçar. Ela prontamente aceitou. Desta vez foram a uma pousada muito bonita e estavam olhando a paisagem quando ele falou: “Tenho desejo por ti, quero algo mais do que amizade, mas não posso começar algo sem antes terminar o que ainda continua pendente. Quero ser totalmente livre para viver plenamente este sentimento que estou experimentando, se é o que tu também queres”. Respondeu que era o que mais desejava. Ele falou que iria à sua cidade, resolveria tudo e depois voltaria. Quando se despedira, deu um beijo no rosto e disse que logo regressaria, livre para poder viver o que estava desejando. Ela respondeu que aguardaria ansiosa a sua volta e que o sentimento era mútuo.

Após alguns dias ela recebeu um telefonema dele, informando que tudo estava sendo resolvido e que logo retornaria, livre para ela. Um mês depois ele voltou. Quando se reencontram, deram vazão a todo o sentimento que sentiam e foi muito maior do que imaginavam.

Sara descobriu que o amor é eterno dentro de nós, basta encontrar a pessoa certa e estar aberta para novos desafios. Se o amor morrer entre duas pessoas, é porque o que deveria ser vivido por eles está terminado, porém podemos nos encontrar em outra e redescobri-lo de maneira diferente, mais experiente, mas não deixa de ser amor, muitas vezes melhor do que o já vivido.

Somatização

“O seu corpo é uma criação assombrosa, capaz de realizar grandes prodígios, mas você pode destruir a potência desta máquina maravilhosa com uma dose excessiva de estresse”.

Dr. Harry J Johnson

Nosso organismo reflete o nosso estado de espírito.

Desde os doze anos tenho um problema de pele que, bem mais tarde, foi identificado como sendo *psoríase*.

Procurei sempre os melhores especialistas desde esta época e fiz todos os tratamentos recomendados. Fórmulas à base de iodo, pomadas, cremes, tudo foi testado. As manchas desaparecem, mas voltam. Mais tarde surgiram as pílulas que, diziam os médicos, eram específicas e trariam a solução definitiva, juntamente com aplicação de xampu no cabelo e sabonete para o corpo. Mais tarde, já na fase adulta, surgiram vergões que tomavam quase o corpo inteiro, com coceiras, ardência e um grande mal-estar, causando dificuldade de respirar. Foram feitas avaliações sem que chegasse a uma conclusão do motivo. Quando os sintomas começam a aparecer, tomo antialérgicos. Sinto quando a alergia vai surgir, pois começo a sentir uma indisposição, uma sensação confusa na cabeça.

Agora, buscando entender o porquê desses dois problemas, concluí, pelo meu histórico de vida, que tudo foi ou é causado pela tensão e medo que sempre vivi desde a minha pré-adolescência.

O organismo sempre tenso, inseguro, não consegue funcionar em harmonia e as toxinas vão se acumulando no corpo. Chega um momento que têm de ser liberadas de alguma maneira, então saem pelos poros. O câncer talvez também tenha sido uma das consequências, aliada ao medo e o sentimento de não ter sido totalmente correta com meu pai. Ele acreditava que o correto era namorar e casar, somente então viver todos os desejos físicos. Eu os vivi com os que amei sem ter assinado papel algum ou pedido a permissão dele.

Esta é minha definição, não médica, mas pessoal. Pelo meu histórico de vida, pude constatar que esses fatos ocorrem quando passo por uma situação de estresse muito grande, quer seja por decisões a serem tomadas ou por algum fato que me magoe. Por exemplo: se algum familiar, principalmente alguém em quem eu confiava, que abracei em todos os momentos difíceis, dando apoio inclusive financeiro e sendo um ombro amigo, quando fica bem, vira-me as costas –fazendo de conta que nunca existi. Isso me derruba. É um dos motivos do estresse que sinto porque tenho de questionar se o que vivi foi verdade ou ilusão. Fatos semelhantes ocorreram muitas vezes na minha vida.

Nosso organismo tem um ponto de alerta e o meu é este. Só me dou conta disto quando o problema se externa através das manchas e vergões. Há vários sinais, antes, mas só me alerta quando chega ao extremo. O espelho revela e eu não posso fazer de conta que tudo está bem, quando é claro que não está. Eu estou magoada e com raiva.

Alguns dos sintomas que sinto antes são: falta de sono, enjôo, falta de apetite, cansaço, o estômago se contrai, gosto amargo, comida sem sabor, e medo. Medo de quê? Medo, simplesmente. É como se estivesse vivendo num lugar onde eu fosse estranha. Por mais que tente me comunicar com algumas pessoas da família, parece que não nos entendemos. Se falo algo, dizem que não é bem assim. A sensação é que falta o chão embaixo dos pés e, por mais que tente me segurar em algo, é como uma cascata de dominó em que as peças vão caindo uma a uma, umas sobre as outras.

Hoje consigo entender o que acontece. Então me recolho e, aos poucos, com ajuda de meus Mentores, vou voltando para a realidade, pois não posso querer que os outros sintam como eu o que está acontecendo comigo. A descida é longa e dolorosa, porém, felizmente, consegui entender que não estou solta e sozinha neste mundo, e é neste instante que peço ajuda superior e ouço os meus Mestres. Eles me ajudam.

Tomo remédios, mas também faço exercícios e Yoga para voltar ao equilíbrio. Sei que ainda continuará a acontecer, mas quero evitar que chegue tão longe o prejuízo físico e eu consiga reverter a situação. Como, por exemplo, ser menos arrogante, achando que tudo posso e nada vai me acontecer. Olhar mais para mim e me preocupar menos com os outros. Nunca é fácil, mas dou um passo de cada vez. Se eu identificar o problema, a solução será mais simples. Atualmente faço caminhadas, muita meditação e leio bons livros. Escrevo quando sinto desejo. Não posso voltar atrás na vida e viver diferentemente cada momento. Mas quero aprender a ver cada coisa como ela é e ter calma para deixar que elas cheguem até o coração e somente, então, tomar a decisão do

que fazer. Depois de tudo isso, pergunto-me se realmente atingi o objetivo proposto por mim mesma, quando criança. Toda a minha família está bem situada, cada um com seu lar e suas empresas, nos ramos fotográfico e eletrônico. Minha mãe consegue viver com o que restou depois da morte do meu pai. Estou aposentada e ganho o suficiente para viver. Tenho uma casa com uma pequena piscina e meu cachorro, que é o meu melhor companheiro. Continuo com o apartamento que adquiri em Porto Alegre.

E eu? Como estou? Feliz? Realizada?

Pensando na promessa feita ao meu pai, sim, consegui realizar o que prometi. Venci um câncer, muitos medos, muitos desafios, mas nada acabou. A vida continua e eu também vou continuar. Cada dificuldade que encontrei pelo caminho me levou mais fundo na busca do entendimento desta vida e acredito que esta tenha sido a proposta que me fiz quando decidi reencarnar.

Com a palavra dada ao meu pai, sentia-me responsável por meus irmãos. Por isso estava sempre atenta e fazendo-os irem em frente. A primeira empresa criada por mim e meus irmãos (embora eu trabalhasse em Porto Alegre, estava sempre junto deles), foi discutida e arquitetada numa madrugada. Na ocasião só tínhamos o sonho e a necessidade de trabalho para eles sobreviverem. Começou como uma brincadeira porque não tínhamos a mínima condição financeira de montar coisa alguma, mas tínhamos o crédito do pai perante a sociedade; a vontade deles de trabalhar e o sonho do próprio negócio. Eu tinha o crédito junto às empresas em Porto Alegre; eles tinham um pouco do conhecimento do assunto sobre o trabalho que iriam fazer, no ramo fotográfico, pois aprenderam com nosso tio Arlindo.

Eu os incentivei a concretizarem o sonho. Foi o que fizemos. Alugamos em meu nome uma sala no centro da cidade. Eles conseguiram emprestada uma máquina fotográfica e compramos pelo crediário, em meu nome, mais algumas coisas necessárias para eles começarem a trabalhar. As revelações das fotografias coloridas, no início, eram feitas em Porto Alegre; eu as pagava e depois, aos poucos, eles me reembolsavam. Deu certo. A empresa foi crescendo, embora com muita dificuldade. As fotos eram tiradas por um dos meus irmãos que, no início, ia de bicicleta às festas, batizados, casamentos, levando nas costas uma mochila com as máquinas. Só bem mais tarde compraram um Fusca.

Com minha atitude, interfeiri na vida de parte de meus irmãos, porque colaborei para que montassem uma empresa, onde trabalhariam juntos, como sócios e proprietários. Dessa empresa, hoje, muitas famílias tiram sua sobrevivência, obrigando-os a continuarem juntos.

Não pararam para pensar se ainda deveriam ou queriam continuar juntos ou até que ponto tudo aquilo estava sendo satisfatório para o relacionamento pessoal deles. As pessoas mudam com o passar do tempo. A maneira de trabalhar de cada um é diferente, mas eles deixaram como começaram, não quiseram ou não tiveram coragem de mudar. Mais tarde, os filhos foram sendo incluídos na empresa como funcionários. Vivem, ainda, dessa mesma empresa, mas um deles, que foi um dos fundadores e sócio, decidiu sair da sociedade e recomeçou, sozinho, uma pequena firma no mesmo ramo.

Hoje, eu me sinto responsável pela situação gerada. Se não tivesse incentivado e ajudado, talvez a empresa não tivesse sido criada e cada um teria seguido rumo diferente. Se teria sido melhor ou pior, nunca saberei. Mas na ocasião minha preocupação era que tivessem um trabalho para poderem sobreviver, isto me daria tranquilidade e era mais uma parte do pacto cumprida.

Graças a Deus, à garra, à capacidade e à inteligência deles, financeiramente tudo deu certo. O resto não me cabe avaliar nem julgar porque cada um é livre para fazer o que quiser de sua vida. Tudo tem um preço e cada um já o pagou por permanecerem unidos. A avaliação é pessoal, cabe a cada um tirar suas conclusões. Continuei sempre atenta às necessidades da minha família, embora todos já estejam casados e com filhos, mas não sei ficar indiferente quando algum deles está com problemas. Eles se acostumaram a recorrer a mim quando não estão bem, quer seja irmão, cunhada ou sobrinhos.

Mais recentemente, Andréia, minha irmã mais nova, teve problemas sérios na gravidez. Entrou em depressão profunda e corria risco de perder a criança. Uni-me a ela e paguei sessões de terapia, comprei roupas adequadas para sustentar a barriga e, como era inverno e ela sentia muito frio, comprei um lençol térmico para ela se aquecer. Felizmente, aos poucos ela foi melhorando, levou a gravidez até o final e teve um ótimo parto, nascendo uma linda menina loira.

Mais tarde, seu filho mais velho adoeceu, precisando ser internado com uma febre que nada fazia ceder. Os médicos custaram a detectar o problema. Como ele sentia muitas dores nas

costas, o médico que assumiu o caso decidiu fazer um raio X de tórax e constatou que ele estava com pneumonia e que se alojara e estafilococos no local, passando a tratá-lo com medicação específica. Ele começou a reagir lentamente. Para mim é difícil entrar em hospital, depois levo tempo para me recuperar, mas como sou muito ligada a eles, e precisavam de apoio, não pensei em mim, era hora de apoiá-los. Como o corpo dele doía, ele pedia que eu fizesse massagem para aliviar a dor. Eu me sentava atrás dele, escorava-o em meu peito e ia massageando-o. Depois fazia o mesmo com o resto de seu corpo. Felizmente com a identificação da doença, da atenção do médico que o atendeu, o uso de medicação correta e também com a ajuda espiritual, através das orações dos familiares e amigos, ele reagiu ao tratamento, obtendo alta depois de oito dias de internação, quando perdeu bastante peso que, como jovem que é, logo recuperou.

Hoje está bem de saúde e nos tornamos mais amigos ainda. Depois desse fato, a amizade com minha irmã foi fortalecida e sei que posso contar com ela sempre que preciso, assim como ela pode contar comigo.

Alcoolismo

O que leva alguém ao vício da bebida? Vou contar uma história que, acredito, responde a essa pergunta.

Vamos chamá-lo de João. Nasceu numa família pobre. Estudou com dificuldade. Nem sempre tinha roupa boa e quente para ir às aulas. Não tinha dinheiro para cuidar dos dentes e infelizmente perdeu os da frente, não permitindo com isto que sorrisse. Os colegas zombavam dele, mas, mesmo assim, continuava sorrindo, embora com a boca semifechada. Mais tarde pode colocar uma prótese. Porém, em seu inconsciente, ficou gravado o período em que era desdentado. Aprendeu uma profissão que o fazia estar em contato com pessoas bem vestidas. Ainda neste período não tinha boas roupas nem carro para se deslocar até o local para efetuar seu trabalho. Usava uma velha bicicleta, e levava nas costas uma mochila com as ferramentas que precisava. Mas sempre sorrindo, fazendo seu serviço, assistindo a alegria dos outros. Na vida social acontecia o mesmo. Nos finais de semana não tinha dinheiro para se divertir, namorar ou passear. Talvez inconscientemente, pensava que, se bebesse, teria a mesma alegria das pessoas que encontrava, tanto no trabalho, como fora dele. Experimentando a bebida, sentiu que, por momentos, não tinha vergonha da sua situação social e poderia esquecer suas inseguranças e a timidez quando estava junto dos outros. Mas sentia-se diferente e obrigado a exercer suas funções, pois era sua profissão registrar os fatos que aconteciam nos eventos e festas; muitas pessoas dependiam do seu serviço. Cada vez que sentia insegurança, buscava o refúgio

na bebida. Não tinha com quem falar sobre o assunto, porque poderiam achar idiotice de sua parte. Ele também não queria demonstrar seus medos e inseguranças. Cada vez mais dependente daquela sensação, tendo o álcool como seu conforto e aliado. Só que álcool é destrutivo e as consequências começaram a surgir.

João é um ótimo profissional, tem um coração generoso. Nunca reclama de nada. Se for preciso se prejudicar para não discutir, ele se cala. E o que acontece então? Vai buscar nos braços da bebida a dormência para não pôr fora o que está sentindo. Não importa que hoje sua situação financeira seja ótima. Ele não tem os pés firmes no chão e não consegue acreditar que pode e merece ser feliz, aproveitando tudo que tem. Torna-se uma pessoa sensível e muito carente.

Todos os que o rodeiam acham que João é um fraco e arrogante. Por que não voltar no tempo e procurar se colocar no lugar dele para tentar entender? Mais simples não é questionar, mas atirar pedras. Não é fácil conviver com dependentes de álcool. Fica-se sempre inseguro, esperando sua chegada em casa para saber se está sóbrio. A bebida dá a eles a segurança necessária para enfrentar seus medos, tornando-os incapazes de discernir se estão aptos a dirigir um automóvel, por exemplo. Não aceitam ser questionados e se negam a entregar a chave para outro dirigir. A bebida deu-lhes a segurança, ninguém vai tirá-la. Sua vontade não se coaduna com a realidade. Seus reflexos estão comprometidos, porém sua certeza de que agora está bem não vê o problema. Ele acredita que a bebida o ajudou a ser mais seguro. Confia nela, jamais admite que ela o está destruindo.

Usam-se sempre soluções paliativas e momentâneas, acredito que estas pessoas deveriam fazer um tratamento de desintoxicação, reequilíbrio do organismo e uma terapia profunda, juntamente com os familiares. Conheço vários Joões e as histórias são parecidas. Não quero ser radical dizendo que o problema é só este, mas este é um deles. Se não forem tomadas estas medidas, o organismo já estará fragilizado, com órgãos destruídos, e o sentimento de culpa dessas pessoas vai tornar o problema irreversível e com final triste.

Se algum de vocês, que está neste momento lendo este livro, tiver algum familiar com este problema, vá a fundo em busca de uma cura, da mesma forma que iria se esta pessoa tivesse um câncer.

Se o câncer tem cura, porque o alcoolismo, não?

Renascer

Marta é uma grande amiga minha e sempre que vai passar alguns dias em sua casa da praia, nós nos encontramos e aproveitamos para caminhar na beira do mar e conversar. Aproveitamos esse momento para colocar nosso papo em dia e para que ela me fale de suas viagens. Ela adora viajar e eu até que a invejo por isso. Ela retribui dizendo que me inveja pela minha coragem de escrever. Conhece vários países e faz isso por prazer. Gosta de conhecer pessoas e costumes diferentes, principalmente suas comidas, pois adora sabores diferentes.

Naquele dia, tinha voltado do México, havia pouco tempo. Conforme ia me falando sobre os lugares que visitara, as comidas que experimentara, os belos jardins e praças que vira, fazia-me sentir como se eu também tivesse lá estado. Após duas horas de animada e conversa, sentimos fome. Não tínhamos percebido o tempo passar. Ela convidou para almoçar em sua casa que ficava em outra praia, a poucos quilômetros de onde estávamos. Prontamente aceitei, tanto pela companhia como pela boa comida que sua cozinheira sabe preparar. Após o almoço, sentamo-nos na varanda de sua casa e comecei a prestar atenção no rapaz que estava cuidando do seu pátio, com muito esmero. Sua fisionomia não me era estranha. Comentei com Marta sobre isto. Ela começou a rir, falou que este também era um dos motivos que a levava a me convidar para almoçar em sua casa e disse:

– Como sempre, és observadora! Lembra do José, que há muito tempo vem cuidando do meu gramado? Tu chegaste a

comentar que ele merecia uma oportunidade de melhorar de postura, cortar o cabelo, fazer a barba, cuidar dos dentes, motivo talvez, de nunca sorrir. Podia ser que isto fizesse com que ele tivesse mais autoconfiança e arranjasse mais serviço. Pois é, aí está o José, renascido. Comecei a pensar naquilo que tu me falaras e vi que ele era uma pessoa honesta, precisando apenas, de uma mão para passar a acreditar na sua capacidade. Comecei a conversar com ele, soube que seu passado tinha sido de muita tristeza e dor. Ele estava desiludido com o ser humano. Falei para ele: “José, és um jovem inteligente e o trabalhas com carinho e dedicação. Por que não acreditas em ti? Compra uma máquina de cortar grama, já que o emprego está difícil de conseguir, e vai fazendo a tua clientela. Eu te indico às pessoas que conheço”. Ele respondeu ter medo de não poder pagar as prestações da máquina. Perguntei, também, se ele não gostaria de tratar dos dentes. Ele respondeu que era o que mais queria, mas tinha medo porque não eram boas as experiências que tivera com os dentistas. Depois disso fiquei pensando numa maneira de ele começar a se gostar e acreditar que existem bons profissionais nessa área. Falei com o meu dentista e contei a história do José. Perguntei se não poderia colaborar para que ele tivesse uma chance e começasse a viver uma nova vida. Disse que o mandasse lá e deixasse com ele que os dois, com certeza, chegariam a um acordo e ele arrumaria os dentes. Voltei a falar com José e contei minha conversa com meu dentista. Entreguei-lhe um cartão de visitas dele e, se quisesse, marcasse uma consulta e conversasse com ele. Se confiasse, fizesse o tratamento. Ele me agradeceu e disse que ia pensar. Na próxima vez que veio cortar minha grama estava contente e me agradeceu porque tinha feito uma consulta com o dentista e já

extraíra um dente para testar e não sentira nada. Ia continuar o tratamento e colocar uma prótese, visto que na parte superior da boca só tinha pedaços de dentes que não puderam mais ser salvos. Depois desse dia, ele parecia mais confiante. Aceitara a idéia de seu meio-irmão, passara a fazer parte de um grupo para ler a Bíblia e, depois, entrara para a Igreja. Cortara o cabelo e a barba, vestia-se com mais asseio, as roupas menos amarrotadas e mais limpas. Um dia ele chegou para cuidar do pátio e disse: “Bom dia, dona Marta” e sorriu. Vi, então, que estava com uma bela dentadura. Respondi: “Bom dia, José, como está diferente, mais jovem e que sorriso bonito! Tens de sorrir sempre porque tu ficas bem assim”. Ele respondeu: “Muito brigado, dona Marta, se não fosse a senhora eu não teria feito nada pelo medo que tinha de dentista. Devo agradecer à senhora por ter falado com seu dentista, que é muito bom, me fez um bom preço e condições para pagar”. Respondi que se ele não estivesse disposto a fazer, nada o estimularia a procurar ajuda. Nós só fomos os colaboradores de seus desejos. Quando fui ao meu dentista, agradei a ele e contei como José está agora, a diferença que fez na vida dele ter colocado os dentes. O dentista disse que apenas atendeu um ser humano que precisava de algo que ele podia realizar. Fizera um preço especial em atendimento ao que eu pedira, mas a gratificação foi maior em ver que menos um brasileiro estava sem dentes.

Marta ainda me falou que ele frequentava assiduamente os cultos e que levava os irmãos, também. Comprou uma boa máquina de cortar grama e sua clientela é grande porque, além de cortar grama, faz pequenos serviços e tudo de boa vontade. O incentivo e o exemplo dele fizeram com que também seus irmãos

começassem a trabalhar, afastando-se das más companhias e do uso de coisas maléficas. Agora, juntamente com a mãe e o padrasto e seus irmãos, estão construindo uma casa e José é o pedreiro responsável. Sua mãe falou que a família dela agora é outra, e ela vai ter a casinha que sempre sonhara.

Após ouvir o relato de Marta, fiquei emocionada e disse:

– Se cada um olhasse um pouco além do seu próprio umbigo como tu fizeste, e desse o que está sobrando ou dividindo o que tem, não só coisas materiais, mas também conhecimento, haveria mais pessoas contentes e menos desamparadas.

Ainda comentamos como é importante ter fé, quer seja no seu potencial, no ser humano ou em Deus. Não importa qual religião seja, mas uma que toque o coração. José precisou deixar de olhar para a ponta do dedão do pé, para ver que havia um mundo maior, com muita coisa boa para lhe oferecer e que este mundo foi criado por um Ser Superior, muito sábio, que faz com que as pessoas, com sensibilidade de coração, se unam e façam trocas.

– Fiquei contente em vê-lo melhor – falou ela – o meu dentista ficou feliz por ver seu trabalho deixar alguém realizado. Tudo fez parte de um grande aprendizado. Antes, José vivia dormindo, fugindo do mundo. Se eu o chamasse para fazer algo, só após o meio-dia ele aparecia. Às vezes começava a trabalhar às 11 horas... Hoje começa às oito e vai sem parar até terminar, mesmo no verão, com todo o calor.

Ficamos olhando José guardar o material que usara na limpeza do pátio e notamos que ele estava com uma energia diferente, com o corpo mais ereto e um leve sorriso no rosto, demonstrando calma e segurança.

Marta completou:

– Agora ele começou a viver plenamente, vai depender dele o caminho a seguir e já sabe, acredito, do que gosta e lhe dá prazer. Mas tudo isto é só o início, como um renascer.

Mão amiga

Minha sobrinha Vívian foi atropelada por uma moto na saída do colégio, atingida na testa, acima da sobrancelha e quebrando o osso. Tinha, na ocasião, nove anos e morava no interior. No mesmo vilarejo em que nasci e vivi meus primeiros anos de vida.

Soube do acidente quando chegava do serviço, pois ela tinha sido removida para Porto Alegre, cidade onde eu residia e trabalhava. Fui imediatamente para o Hospital onde ela estava e quando cheguei o desespero de seus pais e irmãos era grande, porque o estado da menina era grave. Os médicos permitiram que eu a visse na sala em que a estavam preparando para a tomografia computadorizada.

Ela era uma menina linda e estava toda deformada. Seu rosto estava inchado, inclusive os olhos. Peguei sua mão e falei que eu estava ali, iria ficar junto com seus pais e que iríamos rezar e pedir a Deus para cuidar dela, pois tudo daria certo. Disse, ainda, que ela não ficasse com medo, pois nós estaríamos na outra sala, esperando-a. Ela sacudiu a cabeça afirmativamente. Dei um beijo no seu rosto, abracei minha irmã e saímos daquele quarto, indo para a sala de espera aguardar o resultado.

O tempo foi longo até que apareceu um médico com o diagnóstico: ela teve traumatismo craniano e tinha uma ponta de osso pressionando a camada que protege o cérebro. Necessitava de cirurgia urgente, acrescentando ainda, que era uma intervenção muito delicada –mas fariam tudo para que ela não ficasse com sequelas.

Como ela tinha uma boa saúde, os resultados dos exames foram ótimos e a cirurgia foi marcada. Chegada a hora de levá-la para o centro cirúrgico, ela não queria ir e começou a chorar. A mãe dela estava sem condições de acompanhá-la pelo estado de nervos em que se encontrava e Adilson, o irmão da Viviani, não tinha chegado. Então sugeri para ela: se eu fosse junto, segurando sua mão ela confiaria e não sentiria tanto medo? Viviani disse que sim. Estava com medo, pois iria ficar sozinha lá. Tinha medo, também, do que eles iriam fazer, embora os médicos lhe tivessem explicado tudo. Pedi para Viviani confiar nos médicos; eles iriam fazer de tudo para ela voltar a ficar bonita. Ela se acalmou e concordou. Fomos pelo corredor e eu, ajudando a empurrar a maca, fazia com que ela risse de algum comentário que eu ia fazendo, mas na realidade eu estava muito nervosa, sabia da gravidade da cirurgia, porém não podia deixar transparecer meu medo, ela precisava de segurança e de minha mão, que ela segurou por todo o trajeto. Quando chegamos à porta do centro cirúrgico, a enfermeira disse que eu só podia ir até aquele ponto. Viviani fez menção de chorar. Falei a ela que eles iriam levá-la agora só para tirar uma fotografia e ver grande diferença depois de cortarem seus cabelos. Como ela não gostava deles, porque eram loiros e crespos, poderia guardar a foto como recordação. Ela deu uma risada e concordou.

Quando fui me afastando ela virou o rosto para mim e disse: Me espera, tá? Eu disse: Estarei te esperando no quarto. As enfermeiras foram levando a maca com ela, que ainda levantou a mão e deu tchau. Quando aquelas portas se fecharam, toda minha segurança e certeza desabaram; as lágrimas ameaçaram rolar, mas olhei para o lado e minha irmã estava desesperada, chorando,

ninguém conseguia acalmá-la. Deixei minha dor de lado, fui ao encontro dela e a abracei, tentando passar um pouco de conforto. Levou muito tempo até ela voltar a raciocinar e se acalmar.

Quando Adilson chegou, pedi que cada um fizesse uma oração pedindo a Deus que orientasse as mãos dos médicos para que tudo desse certo...

Não sei quantas horas durou aquela cirurgia, mas quando a porta se abriu e o médico tirou a máscara cirúrgica, apareceu um leve sorriso no seu rosto. Era a certeza de que tudo tinha corrido bem. Ele informou que tinha sido mais difícil do que o previsto porque tinha areia e sujeira dentro do ferimento – mas felizmente não tinha sido atingida nenhuma parte que pudesse deixar sequelas sérias. O resto só o tempo iria dizer.

Hoje ela já está casada, grávida, e, do acidente, ficou apenas uma leve diferença na sobrancelha e no olho no lado acidentado, que só quem sabe do acontecido observa.

A vida manda recado

Rosi era uma jovem de 18 anos. Morena, alta e magra, era bonita e tinha consciência disso. Era muito alegre e brincalhona com seus amigos. Não poderia dizer que eu era sua amiga, mas eu a conhecia por ser cunhada de um dos meus irmãos. Os dois eram muito unidos.

Ela começou a sentir uma dor no quadril que a incomodava muito. Procurou um médico e, acreditando que a dor talvez fosse oriunda de alguma batida, tomava antiinflamatórios e analgésicos. Como não passava, resolveram fazer alguns exames. Qual não foi desespero de toda a família quando foi diagnosticado um câncer ósseo.

Começaram tratamentos para tentar reverter ou estacionar o problema, mas nada adiantou. Após muitos exames, os médicos optaram por fazer cirurgia para ver se conseguiam extirpar o câncer.

Após a cirurgia, foram feitas sessões de quimioterapia. Foi transferida para o Hospital que ficava perto do meu apartamento. Os pais não tinham condições financeiras para irem todos os dias visitá-la, tendo em vista que moravam no interior. Como gosto muito do meu irmão, ao ver a situação da família comecei a visitá-la diariamente. A quimioterapia começou a deixá-la deprimida, o cabelo começou a cair e ela a emagrecer. Usava sempre um lenço na cabeça, não se olhava mais no espelho e não queria mais se alimentar, ficava deitada como se estivesse morta e não colaborava

com o enfermeiro que precisava fazer fisioterapia nela por causa da cirurgia feita. Muitas vezes cheguei lá e ela virava o rosto para não falar comigo.

Ficava triste porque entendia o desespero dela pela situação que estava passando. Queria ajudá-la. Ela precisava se alimentar, fazer os exercícios propostos. Eu tinha de encontrar alguma coisa que mexesse com ela para tirá-la daquele torpor. Comecei a observar que a única coisa que mudava seu semblante era quando ouvia a voz de Carlos, o fisioterapeuta. Era simpático, brincalhão e muito bonito. Chamava-a de princesa, mas a mudança era apenas nos traços do rosto. Embora Rosi ainda não falasse comigo, comecei a dizer a ela que Carlos era simpático, e preocupava-se com ela, embora não colaborasse para que ele pudesse fazer seu trabalho. Comecei pedindo para Rosi deixar as enfermeiras lhe darem banho, que comesse alguma coisa e ficasse um pouco sentada fora daquela cama. Ela me olhou e disse que estava se sentindo um lixo, sem cabelo, feia e não valia a pena se levantar. Pedi que tentasse, uma vez e que ela era muito mais do que simplesmente cabelo e, se não podia andar ainda, tinha as muletas que a ajudariam. A beleza é interior, porque o resto o tempo leva. Falei também que, pelo pouco que a conhecia, considerava-a uma menina inteligente, que neste momento precisava se ajudar para que os remédios, os médicos e Carlos pudessem ajudá-la:

– Ele tem um carinho especial por ti, está sempre brincando contigo e te chamando de princesa.

Ela me olhou, mas não disse nada.

No outro dia, quando cheguei, ela estava sentada na cadeira, banho tomado. Tinha tomado um pouco de café e estava esperando por Carlos para a sessão de fisioterapia. A partir daquele dia começamos a ser mais amigas, dizíamos bobagens, contávamos nossos segredos e eu insinuava que Carlos estava ficando apaixonado pela nova Rosi. Ela dava boas risadas e dizia:

– Será? Ele é tão bonito e eu neste estado...

– Rosi, a vida é feita de momentos. Este é o teu momento, aqui dentro deste hospital.

A ilusão nos faz viver. Na realidade não me preocupei em saber do sentimento de Carlos, o que interessava é que ele a tratava bem e precisava de algo que mexesse com ela para ter alguma coisa diferente para esperar diariamente além da medicação, dos médicos, enfermeiras, alimentos, o dia, a noite... Ela ainda tinha seus dias de depressão principalmente após as sessões de quimioterapia, quando não falava com ninguém, nem mesmo comigo, não se alimentava. Às vezes queria algo diferente, uma sopa ou canja que fosse feita por mim, então as enfermeiras me ligavam, eu cozinhava rápido e levava ao hospital. Nem sempre ela comia, mas ao menos umas colheradas já valia a pena. Aos poucos foi melhorando. Sempre levava alguma coisa diferente para ela comer.

Terminado o tratamento, e como a nova cirurgia que os médicos queriam fazer não dava garantias de melhora, seria uma experiência drástica; nem ela nem os familiares concordaram. Ela, afinal, estava bem, tanto assim que voltou para casa no interior,

na esperança que o tumor estabilizasse. Os médicos até insistiram para que eu a convencesse a fazer tal cirurgia, usando minha amizade com ela, mas eu disse que não faria tal coisa porque ela era dona de sua vida, só ela poderia decidir e que jamais usaria a amizade e confiança que ela tinha em mim para convencê-la a fazer algo que nem eu e nem mesmo eles sabíamos se daria certo. Eles até tentaram me coagir, dizendo que eu seria culpada de vê-la mais tarde, em cima de uma cama e com dores insuportáveis, se o tumor não estabilizasse e não fosse feita a cirurgia. Disse-lhes que só a ela a seus familiares cabia tomar aquela decisão, pois seria ela, também, que sofreria as consequências do ato tomado, eu não assumiria tal decisão. A nova cirurgia não foi feita.

A melhora de Rosi durou alguns meses, mas infelizmente o estado dela voltou a se agravar. O câncer não estabilizou. Tentamos tratamento alternativo juntamente com o dos médicos, o que ajudou a aliviar a dor por uns tempos, mas chegou um momento que ela cansou de lutar. Foi quando eu disse para a mãe dela que estava entregando a filha dela e me afastando, o que eu podia fazer eu tinha feito, infelizmente ela queria desistir e a vida era dela, um direito que tinha. A mãe de Rosi me agradeceu por tudo que eu tinha feito pela filha e disse que Deus haveria de ajudar-me sempre. Despedi-me dela e só fui vê-la um ano depois, quando já estava internada havia vários meses no hospital da cidade em que morava porque precisava tomar um coquetel de drogas para aliviar a dor. Ela me reconheceu, estava magérrima. Dei-lhe um beijo e disse que tinha aprendido muito com ela naquele período que convivemos no Hospital, em Porto Alegre. Ela fechou os olhos, como dizendo que sabia do que eu estava falando e uma

lágrima correu pelo canto dos seus olhos. Uma semana depois ela desencarnou. Mais tarde, quando descobri que eu tinha câncer, lembrei-me dela e como eu despertei em sua mente a necessidade de lutar e colaborar. Não importando a situação, sempre alguém vai gostar de nós, não importa só o físico. Como sempre digo, em toda situação tem uma mão amiga a nos ajudar.

Posse

Costumamos dizer: perdi meu pai. Perdi minha mãe. Perdi meu filho... Como podemos perder algo que não possuímos?

Vamos tomar como exemplo o pai. Ele é meu pai porque me fez, mas não me pertence. Cada um tem sua vida, seus sentimentos e seus conhecimentos individuais. Posso dizer que algo é meu quando detenho todos os poderes sobre ele. Como somos transitórios neste mundo, temporariamente detemos o poder de posse.

Nossa vida é balizada pelo que possuímos. Somos avaliados pelos bens que temos, não pelo que somos. Na realidade pelos bens que cuidamos. Passamos grande parte de nossas vidas trabalhando para construir nosso patrimônio e o resto dela para mantê-la. Quando desencarnamos, é como se fosse tirado apenas uma peça e tudo se reorganiza novamente e nós permanecemos apenas na lembrança dos que ficaram e, aos poucos, somos apenas uma longínqua imagem que passa rapidamente por suas mentes. Nossos bens são divididos entre os que têm direito jurídico. Às vezes fotos antigas são manuseadas e só então passam a comentar aquele fato nela registrado e o que nossa presença fez em suas vidas. Nada é nosso para sempre, nem nosso corpo.

Ensinam-nos a viver. Existem os mais variados cursos para nosso aprendizado de vida, porém não existem cursos que nos preparem para termos desapego às coisas materiais e aceitar a morte como uma consequência da vida. Assustamo-nos quando

alguém vem nos dar a notícia da morte de algum conhecido nosso e queremos saber como ou do que morreu. Por quê? Nós também iremos – só não sabemos quando. Este é o grande segredo e desafio com que deveríamos aprender a conviver e descobrir como não sentir tanto quando há a separação de alguém que amamos. Amamos o físico ou o espírito, alma ou como querem chamar? Se for apenas o físico, realmente o perdemos, porém se for o espírito, ele nunca morre, é infinito em sua existência. Como podemos amar aquilo que não vemos? Não vemos com nossos olhos físicos, mas sim com a sensibilidade dos espíritos que vibram em frequências parecidas e se completam.

As religiões tentam amenizar a dor colocando-a como uma vontade de Deus. Mas como Deus, sendo nosso Pai, vai fazer o filho sofrer, levando embora alguém que Ele ama? É mais um motivo para a dor aumentar e nos revoltarmos com a perda, bem como com a traição de nosso Pai. Por que Ele está nos punindo? Cada religião tem uma maneira de explicar a morte e para onde vai o espírito que habitava aquele corpo. Para quem fica, no primeiro momento, não importa para onde vai o espírito. Vai sentir falta do som da voz, do calor do toque, do cheiro, do sorriso, das pequenas discursões, da reconciliação, do abraço, do ombro amigo, da palavra certa no momento certo, do aconchego, de saber que pode contar quando precisa, quer para dividir uma dor ou alegria. O vazio que fica é do tamanho do amor que sentíamos. Deveríamos entender que Deus fez um mundo perfeito para aprendermos e crescer como uma escola até o Mestrado. Com matérias novas diariamente e com provas para saber se aprendemos a lição. As provas são as dificuldades com as quais nos defrontamos. Se

surgiram, foi porque já estamos aptos para superá-los. Como uma prova de Matemática, pode ser difícil, mas já nos foi dado o conteúdo para resolver os problemas. Se não aprendemos direito, levaremos mais tempo e talvez tentemos, usando o caminho mais longo, ou a professora usará outra técnica a fim de nos ensinar o conteúdo para resolvermos os problemas. Se não aprendemos direito, levaremos mais tempo e talvez tentemos, usando o caminho mais longo ou a professora usará outra técnica para nos ensinar o conteúdo novamente, como a vida nos dará outra oportunidade de aprender, numa outra situação.

Vimos para cá com tempo para aprender e depois voltar, sem quaisquer lembranças do tempo que já foi vivido. Cada um volta quando viveu aquilo que se propôs fazer. Como acontece na Terra quando vivemos, nem sempre tornamos em sabedoria aquilo que aprendemos.

Usando o que aprendemos

Havia acabado de reformar minha morada, sonho que acalentei por muito tempo até que consegui realizar. Durante as obras, tive de sair de casa para facilitar os trabalhos e também pela impossibilidade de habitá-la por causa da poeira e do caos que toda reforma ocasiona. Durante este período fui para a casa minha mãe.

Escolhi uma ótima arquiteta para projetar as alterações que pretendia fazer para que minha residência ficasse como eu desejava. Depois, preocupei-me em entregar a realização das obras a um construtor honesto e responsável, já conhecido meu.

Tudo pronto para começar os trabalhos, bateu o medo: iria mexer no meu pequeno mundo, espaço delimitado e fechado, e transformá-lo. Entregaria a transformação em mãos de outras pessoas, embora a equipe fosse comandada por um construtor de minha inteira confiança.

Desde o início sentia como se estivessem mexendo também no meu interior. Olhava todo aquele pessoal dentro do meu pátio, cada um desempenhando a sua função como, por exemplo: quebrando o reboco, trocando janelas, portas e o telhado, caminhões trazendo material e retirando entulhos. Em pouco tempo ela ficou desfigurada, não parecendo mais a minha casa.

Como toda obra, teve seus contratempos, mas finalmente ela chegou ao fim no tempo combinado e com o resultado superando o esperado por mim. É lógico que eu estava cansada com toda aquela confusão e podem ter certeza que muitas vezes parava e

pensava por que tinha começado aquilo tudo. Não queria lembrar que a casa estava necessitando de reparos e que seria impossível reformar sem mexer na estrutura.

Aproximadamente um mês após ter retomado para a casa já pronta, surgiu uma alergia no meu corpo, principalmente nos braços, e ainda uma tosse irritante.

Busquei ajuda médica e vários exames foram realizados sem, contudo, encontrar o motivo da alergia, tanto a cutânea como a respiratória. Fiz tratamento com pomada nos braços e medicação ingerida. Não observávamos nenhum resultado e a medicação me fez engordar cinco quilos.

O tempo passava e eu não via melhora. Já estava me sentindo impotente e muito irritada, afetando, inclusive meu sono. Após dez meses de luta, comecei a pensar nos últimos acontecimentos da minha vida: tinha mexido no meu “ninho” ampliando, portanto meu espaço e eu estávamos com medo de ocupá-lo. Somatizei em debilidade para não pensar. Meu físico respondeu transformando a pele de meus braços, que são nossas asas, numa couraça e eu comecei a respirar como se meu interior fosse menor, devido ao tamanho da transformação de minha casa. Era como se a casa ficasse grande e eu diminuísse de tamanho. Estava com medo de abrir os braços e respirar profundamente.

Foi um longo aprendizado. Levou quase um ano para eu começar a identificar o que estava ocorrendo e que dependia mais de mim do que dos próprios médicos, a minha melhora. Tive ajuda de profissionais maravilhosos, tanto na medicina tradicional como alternativa. Busquei me fortalecer interior e espiritualmente.

Felizmente, assim como as alergias surgiram, foram desaparecendo aos poucos. O que as curou? O conjunto de tudo e a identificação do problema.

Após me ver livre do que me incomodava, parei em frente à minha casa e, pela primeira vez, vi-a como ela era. Descobri como ficara linda e senti que merecia ocupá-la com tudo de bom que ela possuía. Eu a havia sonhado e eu haveria de ocupá-la com muita alegria.

Aos poucos as coisas foram se encaixando e, como disse meu amigo, o professor Antônio Uliano, parapsicólogo que aplica o tratamento Quântico-Alquímico, com quem me trato há muitos anos, “nós só aprendemos nas dificuldades”. Busquei ajuda tudo o que o Universo nos oferece de bom e de que eu tinha conhecimento. O caminho é lento e é gostoso perceber cada sensação ressurgindo. Não sentia gosto nem cheiro por um bom período e como é grandioso poder senti-los novamente!

Nesse período também tive um pequeno acidente caseiro, lesionando uma vértebra. Fiquei semi-imobilizado por vinte dias e dependia dos outros para quase tudo. Como moro sozinha e me considerava muito autossuficiente, aprendi a pedir ajuda e a receber carinho. Por tudo isso, hoje eu digo que aprendemos pelas dificuldades e o Universo é a escola com seus professores espalhados por todos os lugares, cada um com seu conhecimento e todos prontos para estender as mãos para ajudar e colo para nos acolher.

É só ter humildade e saber pedir.

Meu pai. Despedida

Minha história de vida e luta juntamente com meu pai começou quando eu tinha dez anos, como pode ser observada nas páginas anteriores, relatando o pacto que firmei com ele. Minha vida foi pautada em cima deste pacto.

Quando ele estava muito doente e quase não podia mais falar devido às sequelas deixadas pelo derrame, numa tarde, nós dois, sentados na sala de sua casa, conversamos e passamos a limpo todas as dificuldades que atravessamos juntos e eu disse que ele tinha sido um guerreiro, e que nosso pacto tinha dado certo. Talvez por isso que muitas vezes eu tenha interferido na vida de meus irmãos e não tenha sido, frequentemente, entendida, mas era com se eu fosse corresponsável por todos eles. Afinal, eu tinha prometido ao pai que ninguém mais iria pisar em cima de nossa família, fazia de tudo para manter a promessa. Choramos muito nesta tarde. Eu disse para ele ficar tranquilo porque ele fez de tudo para manter a família unida e ajudou-nos a construir o que temos hoje. Foi uma tarde inesquecível. Falamos tudo o que deveríamos ter falado e explicado, apesar da dificuldade que ele tinha de se expressar. Valeu.

Dias depois, ele piorou. Não conseguia mais dormir direito apesar das medicações. Então os médicos decidiram interná-lo novamente. Falaram a ele, mas o pai não aceitava a idéia de retornar para o hospital. Levantou e começou a andar com a ajuda da bengala, por todas as peças da casa, embora com grande dificuldade. Em cada uma olhava para tudo e chorava. Quando

chegou ao quarto que dividia com minha mãe, sentou na cama, escorado na bengala e entre lágrimas, falou:

– Norma... Se eu for, não volto mais para casa; eu vou morrer.

Ajoelhei-me aos seus pés, colocando minhas mãos em seus joelhos e disse:

– Pai, no momento isso é o melhor para o senhor e eu lhe prometo: o senhor vai retomar. Ficará mais fortalecido e ainda dormirá nesta cama. Algum dia eu lhe prometi algo e não cumpri?

Ele me respondeu que não.

Pedi a ele para fazer o que os médicos estavam sugerindo. Falei também que ele iria melhorar seu estado de saúde, e minha mãe ficaria esperando por ele.

Meu pai tinha verdadeira adoração pela mãe, sua companheira havia 55 anos. Tinha muito medo de não vê-la mais. Olhou-me soluçando e disse que sim, iria ao hospital. Pediu para cuidarmos bem da mãe e, para mim, disse que não a deixasse sozinha.

Mais uma vez, Deus atendeu ao meu pedido. Rezei muito para que ele melhorasse e voltasse. Não poderia enganá-lo; prometi que voltaria, e ele voltou. Quando colocou seus pés na porta de casa, falei:

– Viu? Eu disse que o senhor voltaria!

Ele estava fraco, mas conseguiu sorrir. Um sorriso de vitória.

Infelizmente, dias depois, numa manhã, ele mandou me chamar. Cheguei e vi que ele estava com muita falta de ar, sentia-se muito mal. Estava deitado na cama. Sentei-me atrás dele e levantei sua cabeça, escorando-a em meu peito. Tentava passar um pouco de calma e energia para ele, abraçando-o.

Senti que seriam meus últimos momentos com ele nessa vida e pouco poderia fazer para amenizar seu medo e sua angústia. Ficamos a sós por aproximadamente duas horas. Pedi a Deus que me desse forças para ajudá-lo naquele instante que, apesar de doloroso, para mim foi como uma longa despedida física e, temporariamente, espiritual.

Sentia sua respiração descompassada e também sua persistência em resistir. Acalmou-se um pouco e pediu-me que mandasse chamar dois de seus filhos. Tinha urgência em falar com eles. Todos estavam trabalhando, mas eu atendi ao seu pedido. Quando chegaram, pediu perdão ao primeiro. Ele respondeu nada tinha a perdoá-lo, mas meu pai insistiu. Sinalizei a meu irmão que o pai tinha necessidade de ouvir seu perdão, só ele sabia por quê, não cabia, naquela hora, questioná-lo. Os dois, segurando as mãos um do outro, se perdoaram. O mesmo aconteceu com minha irmã. Nunca chegamos a saber o motivo de seu pedido, mas isso era importante para ele e, felizmente, teve a chance de fazê-lo.

Depois chegaram os outros filhos e decidiram hospitalizá-lo novamente. Ele dizia que não queria ir, queria apenas ficar com a mãe. Colocaram-no na cadeira de rodas para levá-lo até o carro de Odilon, o filho mais velho. Meu pai ainda me olhou, balançando a cabeça a dizer “não”. Ajoelhei-me à sua frente, peguei sua mão e disse:

– Pai, eu também não queria que o senhor fosse, mas eles acham que é melhor para o senhor. Não posso prometer que o senhor irá voltar, como fiz anteriormente. Talvez sua missão na Terra, nesta vida, tenha terminado e nosso pacto termina aqui. O senhor foi um guerreiro. Eu amei muito o senhor. Pode ter certeza, nosso pacto deu certo. O senhor me ensinou e me mostrou como seguir em frente e eu vou continuar aqui, cumprindo minha missão, cuidando da mãe. O senhor também sabe que não vou visitá-lo no hospital.

Ele sacudiu a cabeça afirmativamente e eu continuei:

– Mas um dia, vamos nos reencontrar. Vou continuar minha caminhada com tudo o que aprendemos juntos.

Ele começou a chorar. Tinha olhos intensamente azuis. Pedi para dar-lhe um beijo. Ele não gostava de beijos, dizia que eram babados, mas fez sinal que sim. Eu lhe dei um beijo na testa. Até hoje sinto aquela troca, aquela despedida, ele segurando minha mão e apertando-a fortemente, assim que o beijei. Pedi que não sentisse medo, eu ficaria em casa, iria cuidar da mãe e rezar por ele, que continuava segurando minha mão. Nosso olhar era de despedida. Eu sentia que não o veria mais com vida, como, de fato, aconteceu.

Falar o que meu pai me ensinou, o que meu pai foi na minha vida... Ele era uma pessoa a quem, parecia, eu sempre precisava prestar contas. Ele fazia com que eu nunca desistisse. Nunca me esqueci do que prometi para ele, isso me impulsionava para diante. Muitas vezes senti medo, muito medo da vida, mas eu não

podia fraquejar, eu tinha dado minha palavra para alguém que era um guerreiro. A primeira coisa que me ensinou foi a nadar e este ensinamento ajudou em minha caminhada quando tinha problemas difíceis a enfrentar, sabia que podia confiar que alguma mão amiga chegaria para não me deixar afundar, e isto sempre aconteceu. Ensinou-me a ter dignidade. Nunca dizia como proceder na vida, mas sua vida era um exemplo a ser seguido. Dizer que sinto falta dele? É uma redundância.

Briguei muito com ele, sim, só nós dois sabíamos as razões. Como eu sempre ia em frente, movida por sua garra, não queria que ele desistisse. Muitas vezes eu realmente brigava com ele, para que meu pai reagisse. Se ele desistisse, quem me motivaria a seguir adiante? Quem teria sua maneira de ser para me entusiasmar a não parar? E por quem eu faria isso?

Meu pai tinha medos, sim: de morrer, de adoecer, de ficar dependente dos outros, pois gostava da liberdade de ir e vir como quisesse. Não gostava de carona de ninguém, preferia sua bicicleta (o que fez até quando sua perna permitiu, pois com o tempo, um problema em sua perna direita impediu-o de pedalar). Tinha pavor de quarto, janelas e portas fechadas para dormir. Tinha fobia só de pensar em ter de entrar debaixo de um assoalho de casa, estes mais comuns no interior. Tinha muito medo de ser esquecido quando morresse, por isso plantava árvores em todo lugar no loteamento onde morava. Loteamento este que transformou a partir de uma área de aproximadamente oito hectares que adquirira em Osório. Viveu nela por muitos anos, mas tirava pouco proveito da terra. Era imprópria para produção. A idéia de um loteamento foi executada com êxito por Sérgio, um de seus filhos. Foi batizado pela família

como Loteamento Panorâmico, onde quase todos moram, pois meu pai deu a cada filho um terreno para que construísse uma morada. Dizia que era importante a casa própria, um lugar seguro para voltar ao final de um dia de trabalho.

Fazia ninhos e casinhas para os passarinhos terem onde colocar seus ovos e cuidar dos filhotes, quando nascessem, evitando assim que outros pássaros os comessem. Também plantou várias árvores no loteamento. Preocupava-se muito com a falta verde e sombra. Dizia que a terra também precisava de proteção.

Tinha suas qualidades e suas fraquezas. Foi falho, sim, como qualquer ser humano, mas tinha uma sabedoria de vida que muitas vezes nos irritava. Sabia por nossas atitudes, quando estávamos com alguma dificuldade, embora tentássemos esconder dele para não preocupá-lo, ou porque queríamos resolver sozinhos. Ele começava a conversar dizendo que algo estava errado conosco. Achávamos que era implicância, mas depois verificávamos que ele tinha razão. Sempre falava o que pensava, mas se depois constatasse que estava errado, ia na casa do ofendido e pedia desculpas. Nunca mandava dizer por outros seu ponto de vista, era direto e falava para a própria pessoa sua opinião. Hoje, após sua morte, sinto muito a sua falta, mas sei que sua missão foi cumprida e minha parte nesta vida, com ele, também.

Procurei fazer o melhor que a vida e minha capacidade não permitiram para cumprir a promessa que fiz a ele.

Mas minha missão nessa encarnação ainda não acabou, Estou procurando usar tudo o que aprendi em transformar em sabedoria para crescimento do meu Eu interior. Não tenho mais a presença física de meu pai junto a mim, mas tenho o aprendizado que ele me deixou e todas as minhas experiências vividas. Como nada tem fim, vou continuar minha caminhada e aproveitar da melhor maneira possível a chance que Deus me deu quando reencarnei, colocando-me numa família que possui os requisitos necessários para minha evolução. Se Deus o levou, é porque está na hora de eu seguir minha vida sozinha, sem ele. Mas sei que, quando precisar, encontrarei uma mão amiga para me segurar até que eu me fortaleça de novo para poder seguir adiante na minha evolução espiritual.



Esse é meu pai, de quem, com muito orgulho e gratidão, temporariamente, despeço-me. Até um dia, meu pai e amigo, *José Antônio Trespach*.



 (51) 98535 3970

 Rua Bororó, 5 - Bairro Assunção - Porto Alegre/RS - 91900-540

 (51) 98537 0000  (51) 99103.3566  (51) 98233 7038  (51) 99669 0908

 rossyr@editoraalcance.com.br  www.editoraalcance.com.br  /EditAlcance